

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

LORENA SANTOS DE MENEZES

PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE ARTES VISUAIS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL: DIÁLOGO COM A EXPOSIÇÃO LAVRAS E LOUVORES

GOIÂNIA

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES
ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): **Lorena dos Santos Menezes**

Título do trabalho: **Proposta didático-pedagógica para o ensino de Artes Visuais na Educação Infantil: diálogo com a Exposição Lavras e Louvres**

**2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [x] SIM
[] NÃO¹**

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Valeria Fabiane Braga Ferreira Cabral, Professora do Magistério Superior**, em 31/01/2024, às 07:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lorena Santos De Menezes, Usuário Externo**, em 08/02/2024, às 14:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4328358** e o código CRC **69EFAC87**.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

LORENA SANTOS DE MENEZES

PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE ARTES VISUAIS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL: DIÁLOGO COM A EXPOSIÇÃO LAVRAS E LOUVORES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais, da Faculdade de Artes Visuais (FAV), da Universidade Federal de Goiás (UFG), sob orientação da Prof. Dra. Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral.

GOIÂNIA

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Menezes, Lorena Santos de
PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE
ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DIÁLOGO COM A
EXPOSIÇÃO LAVRAS E LOUVORES [manuscrito] / Lorena Santos
de Menezes. - 2024.
LXXIV, 74 f.: il.

Orientador: Prof. Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral .
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais,
Goiânia, 2024.

Bibliografia.

Inclui abreviaturas, lista de figuras.

1. ensino de artes visuais. 2. identidade cultural. 3. educação
infantil. 4. educação não formal. 5. abordagem triangular. I. Cabral,
Valéria Fabiane Braga Ferreira, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao(s) dezoito dia(s) do mês de janeiro do ano de 2024 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “**Proposta didático-pedagógica para o ensino de Artes Visuais na Educação Infantil: diálogo com a Exposição Lavras e Louvores**”, de autoria de **Lorena dos Santos Menezes**, do curso de Artes Visuais - Licenciatura, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela Profa. Dra. Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Profa. Dra. Noeli Batista dos Santos (FAV/UFG) e Profa. Dra. Lilian Ucker Perotto (FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Valeria Fabiane Braga Ferreira Cabral, Professora do Magistério Superior**, em 31/01/2024, às 07:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lilian Ucker Perotto, Professora do Magistério Superior**, em 31/01/2024, às 08:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Noeli Batista Dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 31/01/2024, às 10:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4328278** e o código CRC **27EF480D**.

AGRADECIMENTOS

Em meio a tanto obstáculos durante essa graduação, conseguir chegar até aqui. Posso dizer que sinto um misto de alegria, alívio e de dever cumprindo. Foram tantas pessoas que me apoiaram, não deixando que eu desistisse que quero agradecer deixando registrado neste trabalho. Agradeço em primeiro lugar a minha irmãzinha caçula Juliana que hoje não se encontra mais entre nós. Foi por ela que voltei a estudar. Agradeço aos meus pais, meus irmãos, minhas filhas e meu companheiro. Não posso deixar de registrar aqui o meu carinho pelos amigos que me apoiaram e que compuseram um grupo que fiz parte na faculdade: Harry, Mariana, Marina e Josivânia. Quero aproveitar para agradecer também os professores e professoras que me fizeram pensar que professora eu queria ser, e que marcaram a minha vida acadêmica: professora Alice, professora Noeli, professora Lillian, professor Elinaldo em especial a professora e orientadora Valéria que com sua paciência e carinho embarcou comigo em uma viagem rumo a um ensino de artes visuais que tem consciência da importância da arte na escola. Com sua orientação cheguei à conclusão de que essa pesquisa não é o final, mas o começo para se pensar em mais propostas didático-pedagógicas para o ensino de artes visuais. Por fim, gostaria de agradecer expressar meu carinho a todos que de alguma forma estiveram presentes nessa caminhada e contribuíram para realização desse sonho. O caminho foi difícil, mas o sentimento de dever cumprindo e alegria por alcançar esse objetivo são indescritíveis.

RESUMO

Essa pesquisa utiliza fontes bibliográficas e apresenta a formulação de uma proposta didático-pedagógica para o ensino de artes visuais na Educação Infantil. A proposta está articulada nos três eixos da Abordagem Triangular possibilitando um diálogo sobre identidade cultural através da Exposição Lavras (trabalho) e Louvores (religiosidade e festas) do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). A partir da elaboração desta proposta pretendo tecer reflexões acerca da importância do/a arte/educador/a estar sempre buscando criar propostas através de suas ideias para tornar a disciplina de artes visuais protagonista na construção de conhecimento. Estar em um ambiente de educação não formal pode despertar o interesse pela arte, desenvolvendo habilidades, estimulando a criatividade e ampliando o repertório cultural. Considerando que o ensino de arte é essencial para o desenvolvimento social, emocional, intelectual dos seres humanos, pois estimula o pensamento criativo, crítico e sensível. Ao elaborar essa proposta didática-pedagógica para Educação Infantil, em parceria com a educação não formal, considero que ela pode contribuir para criação de outras propostas podendo ser adaptada para outras etapas da educação básica.

Palavras-chave: ensino de artes visuais, identidade cultural; educação infantil; educação não formal; abordagem triangular.

ABSTRACT

This research uses bibliographic sources and presents the formulation of a didactic-pedagogical proposal for teaching visual arts in Early Childhood Education. The proposal is articulated in the three axes of the Triangular Approach, enabling a dialogue on cultural identity through the Lavras (work) and Praises (religiosity and festivals) Exhibition at the Anthropological Museum of the Federal University of Goiás (UFG). From the elaboration of this proposal, I intend to reflect on the importance of art/educators always seeking to create proposals through their ideas to make the visual arts discipline a protagonist in the construction of knowledge. Being in a non-formal education environment can awaken interest in art, developing skills, stimulating creativity and expanding the cultural repertoire. Considering that art teaching is essential for the social, emotional and intellectual development of human beings, as it stimulates creative, critical and sensitive thinking. When developing this didactic-pedagogical proposal for early childhood education, in partnership with non-formal education, I consider that it can contribute to the creation of other proposals and can be adapted for other stages of basic education.

Keywords: teaching visual arts, cultural identity; child education; non-formal education; triangular approach.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Atividade Desenvolvida pelos/as estudantes do Estágio I	23
Figura 2 - Atividade Desenvolvida pelos/as estudantes do Estágio II	26
Figura 3 - Atividade Desenvolvida pelos/as estudantes no Estágio III	31
Figura 4 - Autorretrato Pablo Picasso	50
Figura 5 - Retrato de Fernanda de Castro, 1922 – Anita Malffati.....	51
Figura 6 - Grupo dos Cinco, 1922 - Anita Malffati.....	52
Figura 7 - Autorretrato com Bonito Papagaio e Borboleta, 1941 - Frida Kahlo.....	53
Figura 8 - Autorretrato de Duhigó, 2022.....	54
Figura 9 - Instalação Fronteiras Museu Antropologico.....	54
Figura 10 – Painel de Abertura.....	58
Figura 11 – Flor da Terra.....	59
Figura 12 - Canoa Karajá.....	60
Figura 13 – Objetos relacionado ao trabalho.....	61
Figura 14 - Objetos em cerâmica, no primeiro plano da imagem bonecas Karajá- Ritxoko.....	62
Figura 15 – Animais que representa a fauna da região.....	63
Figura 16 – Simulacro.....	64
Figura 17- Instalação ‘Fronteira’ Museu Antropológico da UFG.....	65

LISTA DE SIGLAS

BNCC Base Nacional Comum Curricular

CEPEC Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura.

CMEI Centro Municipal de Educação Infantil

EaD Educação a distância

FSP Fundamentação Sócio histórica e Pedagógica das Artes Visuais na Educação

IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LDBEN Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MA Museu Antropológico

PEP Pesquisa, Estágio e Prática Pedagógica em Artes Visuais e Cultura Visual

PPC Projeto Pedagógico do Curso

PPC Projeto Político Pedagógico

UFG Universidade Federal de Goiás da

USP Universidade de são Paulo

Sumario

1 INTRODUÇÃO	13
1. MINHAS EXPERIÊNCIAS NOS ESTÁGIOS OBRIGATÓRIOS: DESENVOLVENDO APRENDIZAGENS	18
1.1 Aprendizados na Prática: formação de uma docente	19
1.2 Educações não Formais: Um Olhar Pedagógico para Construir Laços	33
1.3 Ensinos de Artes Visuais na Educação Infantil.....	36
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE PESQUISA E ENSINO	41
2.1 A Proposta Didático-pedagógica	44
2.1.1 Proposta: Aprendendo a Contextualizar e Ler as Obras	47
2.1.2 Proposta: O Fazer Artístico	54
2.1.3 Proposta: Diálogo entre os eixos e a exposição 'Lavras e Louvores'	58
2.1.4 Proposta: Compartilhando Experiências, Criando Memórias.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	71

1 INTRODUÇÃO

Nesse momento de escrita, percebo que a motivação desta proposta de pesquisa, surge a partir de uma inquietação que carrego desde minha infância: por que não me lembro de como foi o ensino de arte visuais na escola? Relembrando o meu tempo de educação básica, chego à conclusão de que o meu contato com a arte vem do meu convívio familiar, social e cultural ao longo da minha vida, sendo que o meu pai Lourenço Gomes¹ artista plástico, que me ensinou a importância da arte e como esse contato pode transformar o sujeito. Ao mesmo tempo me ensinou que os/as artistas muitas vezes são marginalizados/os, por uma sociedade desinformada onde a maioria são pessoas que não tiveram contato com a arte na educação básica ou no seu núcleo familiar, e se tiveram não conseguem compreender como a arte estimula nos/as estudantes a criatividade, o cognitivo, a estética e a contextualização do contexto que vivemos.

No decorrer da minha formação no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG), depois de ter passado por várias disciplinas, com finalidade de ser preparada para desenvolver o ensino de artes visuais nas escolas, percebi que as disciplinas do Eixo de Fundamentação Sócio-histórica e Pedagógica das Artes Visuais na Educação (FSP) e as do Eixo de Pesquisa, Estágio e Prática Pedagógica em Artes Visuais e Cultura Visual (PEP) foram de grande importância para minha compreensão de como é o ensino de arte nas escolas. Eixos de ensino onde pude compreender como é a realidade nas escolas e quais são as dificuldades que encontrarei na educação formal enquanto futura professora de artes visuais.

Nesse percurso formativo, que venho trilhando com as disciplinas do curso, estou percebendo que quando o ensino de arte é desenvolvido de uma forma consciente, a aprendizagem gerada muda o sujeito fazendo com que sua visão se

¹ Único mestre santeiro do Estado de Goiás. A mais de 40 anos faz esculturas de santos. Criador da Imagem do Divino Pai Eterno em Trindade. Disponível: <https://mapagoiano.cultura.go.gov.br/agente/14897/>. Acesso 31 dez. 2023.

torna mais ampla e seus questionamentos mais críticos para a construção de conhecimento. Dessa forma, o ensino de arte contribui não apenas para o desenvolvimento da sensibilidade estética, e da expressão individual criatividade, mas também para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, como a capacidade de observação, análise mais profunda do objeto e reflexão. Ao ocupar um lugar central no currículo escolar, mas ainda não é o caso da disciplina de artes visuais, a arte tem o poder de fortalecer a formação dos/as estudantes, contribuindo para o desenvolvimento como cidadãos mais criativos, críticos e sensíveis.

O ensino de artes visuais deve proporcionar aos/às estudantes a oportunidade de conhecer diferentes formas de expressão artística, tanto tradicionais como contemporâneas, possibilitar que experimentem diferentes técnicas, materiais e apresentar novos olhares novos conhecimentos. Para que isso ocorra, é necessário incluir a disciplina de artes visuais nos currículos escolares de forma contínua e consciente oferecendo recursos e infraestrutura adequados para seu ensino. É importante criar espaços de debates e reflexões sobre o ensino de artes visuais na escola e também fora dela, promovendo o diálogo entre os/as estudantes e incentivando o pensamento crítico.

Para estar desenvolvendo este trabalho teço reflexões sobre as experiências vividas durante os estágios obrigatórios I, II e III (2022 a 2023). Reflexões para tentar compreender o ensino de artes visuais em ambiente de educação formal, sendo que esse ensino conduzirá ações para o desenvolvimento de aprendizagens com os/as estudantes. Ações que indicam que o ensino de artes visuais pode proporcionar bases teóricas e técnicas importantes para o desenvolvimento artístico e para a compreensão da importância da arte na sociedade.

No presente estudo procuro pensar o ensino de artes visuais a partir da Educação Infantil, por eu não ter vivenciado a primeira etapa da educação básica nos estágios obrigatórios, durante minha formação na licenciatura, por ter estagiado em turmas no ensino médio, sendo que é a última fase da educação básica. Desta forma, será um desafio, pensar como é ser professor/a de artes visuais na Educação Infantil onde exige um conhecimento e habilidades específicas para exercitar a mediação.

Acredito que para trabalhar com crianças é importante criar um ambiente acolhedor e seguro, onde as crianças se sintam encorajadas a experimentar, criar e expressar sua criatividade. E por acreditar que nesta fase as crianças estão em pleno desenvolvimento cognitivo, pois ao realizar atividades artísticas elas são estimuladas a observar, comparar, analisar formas e cores para o desenvolvendo de habilidades de percepção visual e apreciação.

Tendo como preocupação o modo como se aprende artes visuais na Educação Infantil procuro refletir em diálogo com alguns autores/as, enquanto futura professora, sobre o ensino de artes visuais em espaços de educação não formal. Um diálogo com base nos estudos de Ana Mae Barbosa que sistematiza a Metodologia Triangular, através de suas experiências no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (USP). Estudos que avançaram em discussões conceituais, sendo que a nomenclatura utilizada atualmente é Abordagem Triangular². Acredito que essa abordagem proporciona uma educação mais completa e abrangente, baseada em experiências e reflexões, contribuindo para a formação de pessoas mais sensíveis, criativas e críticas, capazes de apreciar e compreender questões relacionadas a arte.

Refletindo sobre a educação não formal no âmbito geral encontro o pensamento do autor Nakashato que afirma que

Sendo a educação formal uma modalidade de existência recente, a lógica construída até então poderia forçar a pensar que todo conhecimento sistematizado do homem anterior ao aparecimento desta instrução é de caráter informal. Porém, assim seria ela mesma contraditória. Seria, sim, a educação não-formal-intencional, relativamente sistematizada e claramente organizada, que garantiria a perpetuação dos conhecimentos e das transformações da sociedade, em espaços alternativos ao que seriam as escolas. Esta relação dialética entre as três modalidades de educação está imbricada desse o surgimento das instituições escolares e dos sistemas modernos de educação sistematizada (2009, p. 28).

Nesse sentido, o ensino de artes visuais, seja em espaços de educação formal ou em espaços de educação não formal é fundamental para o desenvolvimento social,

² Metodologia é uma concepção que deve ser desenvolvida pelo professor. Não exige uma estrutura rígida ou uma “receita prévia”. No entanto, devido à terminologia, a Abordagem Triangular foi vista inicialmente como um indicador metodológico. Assim, é preciso salientar que a Abordagem não se trata de um modelo ou método, mas corresponde aos modos como se aprende, e que, por metodologia, entende-se o que cada professor realiza como ação em suas aulas e práticas de ensino e não como vinculação teórica — até porque vinculações teóricas mudam, são mescladas e alteradas de acordo com o contexto no qual estamos (Silva; Lampert, 2017, p. 90).

intelectual, emocional estimulando reflexões críticas, proporcionando aos/às estudantes a oportunidade de experimentar, explorar e criar, valorizando a autonomia e a liberdade de expressão. É por meio desse processo de experimentação que eles/as podem desenvolver suas habilidades artísticas e ampliar seu repertório cultural, tornando pessoas mais conscientes e críticas.

Como futura professora de artes visuais, meu objetivo é promover experiências que possibilitem as crianças expressarem sua individualidade, descobrirem novas formas de pensar e se relacionarem com o mundo através das artes visuais. Percebo que no contexto da educação não formal pensar no ensino de artes visuais pode ser construir um pensamento para ir além dos muros da escola. Desta forma, construir reflexões sobre o ensino de artes visuais em um museu, tendo como base e pensamento de Ana Mae Barbosa (Abordagem Triangular), podem proporcionar experiências e aprendizagens.

Para o desenvolvimento desse trabalho, na primeira sessão estarei em diálogo com minhas experiências nos estágios obrigatórios, pois estar em cada disciplina de estágio foi uma das etapas essenciais na minha formação acadêmica. Além de ter me proporcionado uma vivência prática da profissão, tive a oportunidade de desenvolver conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula, e ganhar experiência, aprendendo com os/as profissionais da área. Experiências que me ajudam a construir a minha identidade docente e que me levam a refletir sobre como está sendo o ensino de artes visuais na Educação Infantil e ainda, que tipo de professora eu quero ser.

Nessa parte do texto, na sessão 1, busco refletir sobre a importância do ensino não formal para o ensino de artes visuais nas escolas seguindo os três eixos norteadores (contextualização, fazer artístico e leitura) da Abordagem Triangular sistematizada por Ana Mae Barbosa.

Na segunda sessão fomento reflexões sobre o ensino de artes visuais na Educação Infantil intensificando a importância do ensino de arte para essa faixa etária, em diálogo com autores/as que compreendem a importância dos espaços expositivos como espaço de educação não formal para o ensino de artes visuais. Nesta sessão estarei ainda, propondo e elaborando uma proposta didático-pedagógica para Educação Infantil, proposta que não restringem somente a Educação Infantil, mas

podendo sofrer adaptações, de professores/as de artes visuais, de acordo com a turma a ser trabalhada. A minha ideia é apresentar, como fruto dessa pesquisa, uma proposta para ser realizada em parceria com o Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG) a partir da exposição de longa duração “Lavras e Louvores”. Uma proposta que trabalhará questões sobre identidade.

Por fim, nas considerações finais, escrevo sobre a minha expectativa em através dessa pesquisa e meus estudos, deixar minhas contribuições para futuras pesquisas acerca da importância do ensino de artes visuais para Educação Infantil. Contribuindo desta forma, para a valorização do ensino de artes visuais e destacando sua importância no desenvolvimento integral das crianças. Além disso, pretendo evidenciar a necessidade de parcerias entre a educação formal e o não formal para que as experiências artísticas das crianças aconteçam de forma relacional entre esses espaços de educação.

1. MINHAS EXPERIÊNCIAS NOS ESTÁGIOS OBRIGATÓRIOS: DESENVOLVENDO APRENDIZAGENS

Ao escrever esse texto procuro refletir sobre a minha experiência nos estágios obrigatórios I, II e III para desenvolver um pensamento crítico e reflexivo a respeito da minha formação docente no curso de Licenciatura em Artes Visuais da FAV/UFG. O estágio obrigatório no currículo da instituição durante o período de formação dos/as estudantes proporciona um aprendizado valioso na prática profissional, unindo teoria e prática prepara o/a estagiário/a para os desafios e nuances da profissão, agregando conhecimentos, habilidades e experiências que serão essenciais para o exercício da docência. Segundo o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) aprovado pela Resolução CEPEC (Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura da Universidade Federal de Goiás) nº 1333 em 20 de fevereiro de 2015.

O estágio curricular na Licenciatura em Artes Visuais visa criar um espaço para que o licenciando interaja com os ambientes de ensino e experimente uma pluralidade de contextos e situações educacionais onde o ensino/aprendizagem de artes visuais aconteça ou possa vir a acontecer significativamente. A pretendida interação deverá ser buscada através do estudo, da pesquisa, da observação, da análise e da reflexão e do desenvolvimento de projetos pedagógicos na escola-campo. Nesse sentido, mediante o estágio curricular, o Curso pretende propiciar o exercício pedagógico de manifestações da cultura visual, enfatizando seus aspectos sociais, históricos, culturais, artísticos e pedagógicos. A especificidade deste campo formativo está centrada nos aspectos estéticos, artísticos, processuais, técnicos e culturais e de mediação e construção da realidade e do relacionamento humano, diferenciando-se, portanto, dos processos de arte terapia e de assistencialismo social (PPC, 2015, p.42).

Concordo que o “estágio curricular na Licenciatura em Artes Visuais visa criar um espaço para que o/a licenciando interaja com os ambientes de ensino”. Desta forma, procuro desenvolver minhas reflexões a respeito do estágio obrigatório por acreditar que cada estágio, durante a graduação, tem uma grande importância para formação profissional dos/as estudantes para conclusão de uma licenciatura e o início da docência em artes visuais. Considero uma experiência profissional inicial para quem ainda não experimentou a docência e a primeira interação com os/as estudantes,

sendo um contato com formas de ensino e espaços que proporcionam trocas de experiências.

Existem várias razões pelas quais as disciplinas de “Estágio Supervisionado” no curso contribuem na formação acadêmica dos/as estudantes. Uma razão que considero importante é que os estágios obrigatórios permitem que os/as estudantes coloquem em prática as aprendizagens construídas em sala de aula, materializando os aprendizados teóricos para compreensão de como os conceitos são desenvolvidos no ambiente escolar. É uma possibilidade de vivenciar a realidade da sala de aula e lidar com situações reais de ensino-aprendizagem, pois acredito que

O estágio configura-se em um dos componentes do currículo dos cursos de formação de professores, e como já dito, tradicionalmente entendido como apenas a parte prática em que o licenciado vai coletar dados para repertoriar suas futuras ações como professor. Como currículo, integralmente, propõe-se em preparar o aluno para o exercício de uma profissão, este assume o caráter de “atividade teórica”. A atividade teórica é que torna possível conhecer a realidade e, assim, estabelecer as condições de transformação dessa realidade. (Nakashato, 2009, p.50)

As atividades realizadas em cada estágio contribuem para que o/a estagiário/a desenvolva habilidades como a capacidade de se comunicar e se relacionar com os/as estudantes. Durante esse período os/as estagiários/as têm a oportunidade de planejar aulas, desenvolver conteúdos propostos nos currículos, exercer a regência das turmas, interagir com os/as alunos/as utilizando diferentes estratégias de ensino, avaliar e dar *feedbacks* aos/às estudantes. E ainda, lidar com questões de disciplina e comportamento experimentando na prática os desafios e demandas da profissão. Período que os/as estagiários/as têm a oportunidade de avaliar suas práticas, identificar suas dificuldades e buscar soluções para aprimorar suas estratégias de ensino.

1.1 Aprendizados na Prática: formação de uma docente

Durante o estágio I (primeiro semestre de 2022) experienciei o meu primeiro contato com uma sala de aula, na educação formal, com estudantes do 2º ano do

ensino médio em uma Instituição Federal. Estava em um colégio onde pude vivenciar um ambiente acolhedor para a disciplina de artes visuais, sendo que o professor supervisor estava com uma sala ampla, preparada para o ensino de arte, com materiais didáticos (aparelhos tecnológicos como computador, projetor, acesso à internet e livros didáticos) e diversos materiais para as aulas práticas. Apesar de toda a estrutura física da instituição pude vivenciar a correia do professor para ensinar os conteúdos planejados e realizar uma prática artística em 45 minutos de aula uma vez por semana para cada turma.

Nesse período de observação na sala de aula eu procurei ter um olhar mais atento, uma forma de ouvir que permitisse um modo sensível de compreensão para melhor entender como funciona a dinâmica entre professor e estudante, e como a disciplina de artes visuais era vista e entendida por essa turma.

Observando o cenário escolhido para o meu estudo de campo, uma instituição que desenvolve vários tipos de projetos institucionais que envolvem a comunidade escolar e a comunidade em geral, percebi que no início o medo e a insegurança estavam presentes, mas com orientações dos meus amigos, professora orientadora e professor supervisor, fui ganhando confiança e me sentindo mais segura em minha atuação. Eles/as me encorajaram a buscar sempre meus acertos e a enxergar os erros como oportunidades de aprendizado e crescimento.

Durante minhas experiências na sala aula compreendi que é possível realizar um trabalho docente que possibilite liberdade para buscar reflexões que descortinam o modo como enxergamos a realidade dos espaços, mas ao mesmo tempo pude perceber que há muito que fazer para que a disciplina de artes visuais seja reconhecida como área do conhecimento. Para que isso aconteça, considero fundamental fazer com que os/as estudantes percebam como as artes visuais podem ser uma forma de olhar para a expressão pessoal e para o entendimento do mundo ao nosso redor. É preciso exercitar um modo de (re)interpretar contextos culturais, onde a arte não seja apenas um momento de lazer e quebra de rotina. Sendo de extrema importância engajar a comunidade escolar como um todo, de forma a promover a valorização das artes visuais e seu papel no currículo escolar.

Estar em um ambiente de ensino me ajudou a perceber com a autora Marli André que

Conhecer a escola mais de perto significa colocar uma lente de aumento na dinâmica das relações e interações que constituem o seu dia a dia, apreendendo as forças que a impulsionam ou que a retêm, identificando as estruturas de poder e os modos de organização do trabalho escolar e compreendendo o papel e a atuação de cada sujeito nesse complexo interacional onde ações, relações, conteúdos são construídos, negados, reconstruídos ou modificadas (2012, p. 41).

Ao interagir com os/as estudantes, minha primeira experiência em estar na frente da sala de aula tendo os olhares voltados para nós, percebi que cada um/a tem suas características individuais e muitas são as formas de aprendizagens. Nesse sentido, para atender cada estudante em suas peculiaridades aprendi a adaptar minhas estratégias de ensino para melhor atender às necessidades de cada um/a. Busquei compreender sobre a atuação de cada sujeito, e essa experiência no estágio supervisionado I me ensinou muito sobre a importância do trabalho em equipe, pois elaborei e desenvolvi um plano de aula junto com colegas de estágio formando um grupo.

Após o período de observação em campo e para elaboração do plano de aula, solicitado pela disciplina de estágio I, buscamos dar continuidade no conteúdo trabalhado no final do semestre pelo professor supervisor. Ele estava apresentando alguns pintores de Goiás, que são referências da História da Arte, e por isso procuramos apresentar, com o auxílio do *PowerPoint*, uma artista goiana e algumas de suas obras, que são: “Abandji” e sua coleção “Agambonerol Ancestrais”³.

Nossa aula foi proposta em três etapas. Na primeira etapa apresentamos a artista Hariel Revignet⁴ que é uma artista egressa da FAV que nasceu, vive, trabalha

³ A artista e performer já participou também, com a coleção *Agambonerol Ancestrais*, da exposição coletiva ‘Um corpo no ar pronto pra fazer barulho’, com curadoria de Raphael Fonseca e que ocorreu no Museu de Arte Contemporânea de Goiás - Oscar Nyemeyer em 2018-2019. Disponível em: <https://fav.ufg.br/n/135692-egressa-da-ufg-selecionada-em-premiacao-nacional>. Acesso 30 dez. 2023.

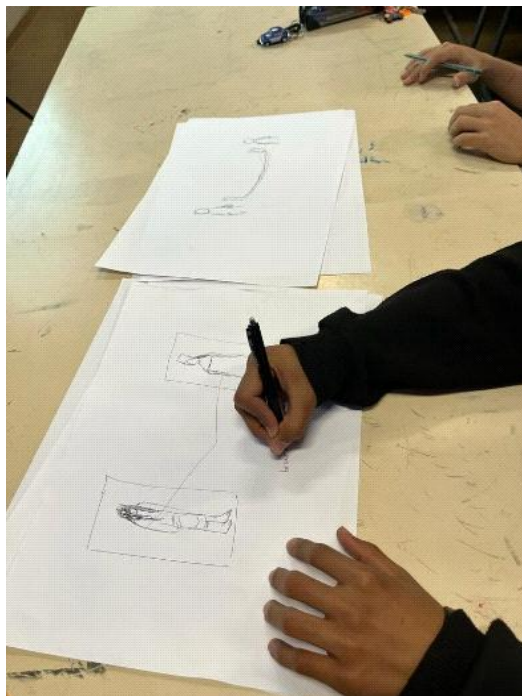
⁴ Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFG, durante sua tese de conclusão do curso criou o conceito AXÉTETURA onde ela faz o deslocamento das imposições de conhecimento eurocêntrico-modernas buscando minhas referências de espaço, território, lugar, cultura, conhecimentos e formas de saberes a partir da visão afro centrado e da Encantaria Indígena. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/hariel-revignet/>. Acesso: 16 nov.2023.

em Goiânia e que foi indicada para prêmio PIPA⁵ 2021. Sua produção artística é autobiográfica e queríamos ativar as memórias dos/as estudantes buscando refletir sobre questões colonial e contra colonial que são marcantes nas produções da artista. Na segunda etapa recordamos a formação da artista em Arquitetura e Urbanismo e apresentamos exemplos de croquis de *Le Corbusier*⁶ dando ênfase entre as diferenças de um croqui e o produto final. A terceira etapa foi o momento da produção, utilizando caneta e papel A3, enquanto ouviam trechos de músicas de matriz africana: Vou Banindo de Claudiney Prieto, Herança Africana de Afoxé Povo de Exu e o Menino que queria ser Deus de Djonga. Foram produzidos ao todo 3 croquis, a partir da referência artística apresentada, e durante cada trecho da música de 30 segundos para que eles/as pudessem perceber que o croqui se caracteriza pelo traço expressivo (Figura 1).

⁵ O Prêmio PIPA é uma iniciativa do Instituto PIPA. Foi criado em 2010 para ser o mais relevante prêmio brasileiro de artes visuais. De 2010 a 2018, o PIPA estabeleceu uma parceria com o MAM-Rio, onde foram realizadas as exposições dos finalistas. Cada um dos 4 finalistas de cada ano doou uma obra para coleção de arte contemporânea do museu. Em 2019 a exposição dos finalistas aconteceu na Villa Aymoré, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/sobre-o-premio/>. Acesso: 16 nov. 2023.

⁶ Le Corbusier (1887-1965) foi um arquiteto, urbanista e pintor franco-suíço. Foi um dos mais importantes arquitetos do século XX. Teve grande importância para a formação da geração modernista de arquitetos brasileiros. Le Corbusier, pseudônimo de Charles-Edouard Jeanneret- Gris, nasceu em La Chaux-de-Fonds, na Suíça, no dia 6 de outubro de 1887. Disponível em: https://www.ebiografia.com/le_corbusier/. Acesso: 05 dez. 2023.

Figura 1 - Atividade Desenvolvida pelos/as estudantes do Estágio I



Fonte: Arquivo pessoal

A intenção com essa proposta foi mostrar aos/às estudantes que com traços simples e sem detalhes se faz um croqui. Ressaltamos que todo início de um projeto parte de uma ideia, de um esboço, de um ponto de partida, pois é de uma ideia inicial que partem todas as propostas artísticas. Sendo que o ponto de partida é parte fundamental para criação de cada trabalho, e que o início é tão importante como o resultado final também.

Ao final do estágio I, pude perceber uma evolução significativa em minha postura docente e habilidades pedagógicas por exemplo, como saber motivar os/as estudantes a se envolverem durante os momentos de produção. Percebi que como futura professora devo compreender que o/a professor/a deve ser paciente e deve se comunicar de forma clara, pois nenhum estudante é igual ao outro. Importante estar consciente que haverá novos desafios em sala de aula e que é preciso tentar vencer os desafios ou se adaptar. O/A professor/a deve estar sempre atento às oportunidades de aprender com os/as estudantes e entender que eles/as não são apenas objetos de reflexão do educador, mas sujeito do processo educacional.

Após esse período como estagiária, senti-me mais confiante para enfrentar os desafios futuros da docência. Apesar dos medos iniciais, o estágio supervisionado I foi uma experiência enriquecedora e transformadora. Aprendi muito sobre mim mesma e como sou mais forte do que penso, aprendi em como lidar com as dificuldades e me vi no papel de docente. E nesse sentido, fui descobrindo como procurar ser uma docente que tem consciência do que faz: que é ensinar. Além disso, o estágio me proporcionou a oportunidade de colocar em prática muitos conhecimentos teóricos que adquiri durante a graduação.

É gratificante ver como as teorias podem ser desenvolvidas, mesmo em curto tempo em sala de aula como estagiária, e como elas podem ajudar no desenvolvimento das aprendizagens dos/as estudantes. Por isso, terminei o estágio I feliz em dar continuidade a essa jornada e continuar aprendendo e me desenvolvendo como profissional da educação nesse período em formação no curso.

Relembrando o meu estágio II (segundo semestre de 2022) observo que tive a oportunidade de retornar a mesma instituição, em que fiz o meu estágio I, com uma turma do ensino médio do 2º ano e com o mesmo professor supervisor. Através de conversas com esse professor, pude discutir minhas ideias, compartilhar experiências e receber *feedbacks* construtivos que contribuíram para o meu crescimento profissional. Continuar com o mesmo professor supervisor foi uma experiência muito enriquecedora, pois pude aprofundar meus conhecimentos sobre a realidade da escola e dos/as estudantes como uma professora de artes visuais.

Percebi que nesse estágio eu estava com um pouco mais de autonomia e confiança para interagir com os/as estudantes e com o ambiente escolar, pois comecei a ter um pouco mais de entendimento de como funciona a dinâmica em sala de aula. Pude compreender que por mais que o/a professor/a mostre a importância do ensino de artes visuais, alguns/algumas estudantes têm uma visão limitada das artes visuais, enxergando-a apenas como um momento de diversão e entretenimento. Através das conversas que tive em sala de aula, tanto com os/as estudantes quanto com o professor supervisor, fui capaz de refletir sobre meu papel como professora de artes visuais. Percebi que tenho o “poder” de despertar o interesse e a curiosidade dos/as

alunos/as, incentivando-os/as a explorar suas habilidades para desenvolver um potencial artístico.

No estágio II a formulação do plano de aula também foi realizada em grupo com colegas de estágio, onde buscamos desenvolver uma atividade que proporcionou aos/às estudantes a oportunidade de explorar suas habilidades artísticas e criatividade. A técnica de gotejamento, inspirada no artista Paul Jackson Pollock (1912-1956), foi escolhida por ter sido um artista que já havia sido trabalhado pelo professor supervisor anteriormente. Durante a aula fizemos uma breve revisão do conteúdo, para isso utilizamos o projetor para estar mostrando imagens das obras “*Abstract*”, obra Number 25, de Jackson Pollock.

No momento de conversar a partir das obras com os/as estudantes o que me chamou atenção foi que eles/as não conseguiam ver uma forma figurativa para ser copiada. Trouxemos como discussão, para sala de aula, a produção do artista Pollock onde ele trabalha sem formas definidas para a criação de composições abstratas a partir da técnica de gotejamento. Logo após esse momento de apresentação do conteúdo propusemos uma atividade que teve como um dos objetivos a experimentação de materiais alternativos como bastonete, tinta guache, barbante e canudos.

E quando se depararam com obras que tiveram que conhecer a técnica, o uso de varias cores, ter que escolher uma composição percebi que houve um bloqueio, pois o medo de errar dos/as estudantes era grande. No entanto, através de conversas e encorajamento, conduzido pelo grupo de estagiários/as, eles/as começaram a experimentar os materiais e a se sentirem mais confiantes para realizarem as suas pinturas (Figura 2).

Figura 2 - Atividade Desenvolvida pelos/as estudantes do Estágio II



Fonte: Arquivo pessoal

Essa experiência que tive me mostrou que a importância do ensino de artes visuais, deve ir além de simplesmente ensinar técnicas. É fundamental estimular nos/as estudantes/as a capacidade de olhar e compreender o mundo de maneira mais intensa e crítica, pois acredito que o ensino de artes visuais é essencial para a formação do cidadão com pensamento crítico, capaz de interpretar e interagir de forma consciente e criativa com a sociedade em que está inserido.

Refletindo sobre essa experiência começo a pensar como teria acontecido se essa proposta fosse vivenciada pelas crianças na Educação Infantil? Durante o momento de produção com os/as estudantes alguns ficaram com um certo receio de começar, pois não estavam familiarizados com as técnicas e os materiais alternativos. E para que perdessem o medo, propusemos que relembressem se já haviam feito algum trabalho usando esses matérias quando estavam na Educação Infantil, mas disseram que nunca tinham visto ou feito essa técnica de gotejamento e que a utilização de materiais alternativos que sugerimos havia proporcionado um conhecimento novo. O modo livre de produção foi vivenciado de forma intensa e considerado único pelos/as estudantes. Esse modo de avaliação de alguns estudantes sobre o que foi realizado me fez compreender o que diz Larrosa.

Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida (2002, p. 27).

Já o estágio obrigatório III (primeiro semestre de 2023), foi realizado na EaD (Educação a distância) sendo que as atividades práticas foram realizadas de forma presencial. Solicitei para as duas coordenações de curso para estar cursando a disciplina de Estágio III nessa modalidade, pois a Faculdade de Artes Visuais também oferta essa modalidade⁷. Como mãe, precisava conciliar meus estudos com os cuidados e responsabilidades com minhas filhas e avaliei minhas necessidades, objetivos pessoais e acadêmicos. Optei pela educação a distância (EaD) por oferecer mais flexibilidade de horários e a possibilidade de estudar em casa. No entanto, é importante destacar que a EaD requer organização e disciplina, pois embora eu possa escolher meus horários de estudo, é necessário cumprir prazos de entrega das atividades, assistir às aulas online e participar de fóruns de discussão, por exemplo.

A partir dessa experiência pude vivenciar a docência com maior plenitude, pois eu já tinha uma liberdade maior na sala de aula e estava mais familiarizada em lidar com os/as estudantes. O estágio supervisionado obrigatório foi realizado também com uma turma de ensino médio em uma unidade escolar estadual de tempo integral⁸. Estava estagiando em uma disciplina eletiva de fotografia com estudantes do 1º e 2º

⁷ Segundo Santos e Cabral (2021, p. 01) a vinculação da Universidade Federal de Goiás ao Sistema UAB aconteceu pela participação no Edital de seleção nº01/2005-SEED/MEC, autorizado pela Portaria 873-MEC, de 07 de junho de 2006; ato de Credenciamento da Instituição de Ensino Superior (IPES) pelo MEC, Portaria Normativa de Credenciamento em EaD UFG: nº1.369, de 07 de dezembro de 2010. Após a vinculação, o curso de Licenciatura em Artes Visuais na modalidade a distância da Faculdade de Artes Visuais vem ofertando turmas, desde 2007, através de três programas: Universidade Aberta do Brasil (UAB), o Pró-Licenciatura e o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR). Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/786/667>. Acesso 01 nov. 2023.

⁸ A escola de tempo integral tem jornada diária de 9 ou 7 horas, dependendo do modelo adotado pela unidade. Durante o dia, são servidas três refeições e os estudantes participam de aulas diversificadas e atividades práticas. Muito mais do que passar o dia todo na escola, a escola de tempo integral de Goiás visa o desenvolvimento integral do estudante, em todas as suas dimensões: intelectual, física, emocional, social e cultural. E com mais tempo disponível na escola, é possível trabalhar a educação integral de forma mais aprofundada. Disponível em: <https://site.educacao.go.gov.br/escolas-de-tempo-integral/> Acesso 25 out 2023.

ano somando no total de 29 estudantes. É uma disciplina considerada eletiva por se tratar de ser livre a escolha dos/as estudantes, pois podem optar por fazer a disciplina ou não.

Nessa escola me deparei com um ambiente, com uma realidade institucional diferente da que já havia estagiado. O colégio possui outra forma de organização do PPC (Projeto Político Pedagógico) e considerei o PPC mais sintético do que o projeto que eu tive contato nos estágios anteriores, onde o PPC era bem mais amplo e composto por vários serviços educacionais.

Posso dizer que durante o estágio III, eu pude viver os amores e desamores de ser uma professora de artes visuais, pois foi o momento que vivenciei o outro lado da docência que por enquanto só havia ouvido falar. Observando o professor supervisor do estágio, pude perceber a desvalorização do professor de artes visuais, a questão da polivalência, a falta de materiais para as aulas, pois quase sempre esse professor retirava dinheiro do próprio bolso para a compra desses materiais. Ao mesmo tempo vivenciei o dia a dia de um professor que acredita que a disciplina de artes visuais desenvolve habilidades e fomenta um pensamento crítico ao desenvolver modos de análise e resolução de problemas. Um modo de conduzir as aulas que ficou evidente durante as atividades desse professor em sala de aula.

Minha passagem por essa escola foi rápida, devido à falta de alinhamento entre o calendário acadêmico da UFG (ainda em reposição devido o período pandêmico) e o calendário da rede de ensino estadual de Goiânia. Mesmo sendo um período curto foi vivido intensamente e foi onde me senti professora de artes visuais tendo que lidar com os dois lados da docência: um lado onde percebi a responsabilidade de ensinar e o outro lado onde compreendi as demandas administrativas que surgem ao longo do trabalho de professor, como por exemplo: elaborar relatórios de estudantes e o planejamento curricular.

Ter realizado este Estágio III em uma instituição pública de ensino, fez com que novos olhares surgissem, e novos aprendizados acontecessem. “Na visão de Barbosa a escola seria a instituição pública que pode tornar o acesso à arte possível para a vasta maioria dos estudantes em nossa nação” (Barbosa, 2002, p. 33).

A experiência nessa escola foi enriquecedora, pois aprendi a administrar o tempo, já que a hora aula é de 45 minutos e passa muito rápido. Conciliar teoria e prática em 45 minutos exige um bom planejamento para que os/as estudantes desenvolvam aprendizagens nas aulas de artes visuais. Aprendi também a comunicar com mais objetividade com os/as estudantes e a ter uma compreensão melhor do que é ensino de artes visuais em uma escola pública. Estar nessa escola permitiu com que eu enxergasse diferentes perspectivas e abordagens para os desafios do dia a dia, sendo que as trocas de experiências também foram uma parte importante do aprendizado.

No período de investigação no estágio procuro estar atenta a tudo que se passa em sala de aula com os sentidos aguçados levando em consideração que

O processo de investigação da sala de aula se fará basicamente por intermédio da observação direta das situações de ensino-aprendizagem, assim como por meio de análise do material didático utilizado pelo professor e do material produzido pelo aluno (André, 2012, p. 44).

O/a professor/a através da arte pode despertar a criatividade, a sensibilidade e a liberdade de expressão. Perceber que o ensino de artes visuais é valorizado e defendido pelo professor supervisor nesta escola é uma prova que o ensino de artes visuais é fundamental para o desenvolvimento integral dos/as estudantes. Nesse sentido, procuro ter um olhar e um modo de ouvir mais atento a tudo que se passa no local que estou inserida, procurando entender cada um/a, para melhor elaborar e realizar cada proposta didático-pedagógica para o ensino de artes visuais. Com a intenção que a arte possa contribuir para um olhar crítico e sensível fazendo com que os/as estudantes tenham uma formação significativa na disciplina de artes visuais.

Posso compreender refletindo sobre essa experiência que através das artes visuais, os/as estudantes aprendem a se expressar, a se comunicar e a compreender o mundo ao seu redor de uma maneira única e pessoal. Enquanto docente em formação compreendo a importância do ensino de arte na medida em que “a arte-educação pretende utilizar a arte no processo de formação humana para dar sentido ao sentir e a percepção de mundo do ser, utilizando-se das emoções e referências simbólicas (cultura, memória, criatividade) do indivíduo” (Rodrigues *et al*, 2017, p.117).

Durante o período em que estive no estágio, presenciei momentos em que o professor e os/as estudantes vivenciaram trocas e conversas enriquecedoras para desenvolver uma aula de artes visuais. Lembro-me de uma frase dita por uma estudante, na qual ela expressava o seu desejo de estudar e se formar em Licenciatura em Artes Visuais. Por isso, concordo com Larrosa que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (2002, p 21). São reflexões que me fazem compreender sobre como as aulas estão se tornando espaços de vivências e experiências que despertam sentimentos e pensamentos importantes sobre o presente.

No decorrer do estágio III desenvolvi o meu primeiro plano de aula, de forma individual, para ser realizado com os/as estudantes da disciplina eletiva de fotografia, em diálogo com o conteúdo já ministrado pelo professor supervisor. Essa proposta teve como objetivo explorar a fotografia na *Pop art.*, movimento artístico que surgiu na década de 1950 e se popularizou na década de 1960, onde são utilizados elementos da cultura popular, como revistas, quadrinhos e propaganda. Infelizmente não foi possível realizar essa proposta na escola com os/as estudantes devido à falta de sincronia entre os calendários da escola e da faculdade, conforme já citei, mas conversei com o professor sobre essa proposta que desenhei para que em um outro momento ele possa dialogar com os/as estudantes a partir do que foi pensando após meus períodos de observação.

A minha intenção com essa proposta é que os/as estudantes realizem um trabalho prático de fotografia que pode ser desenvolvido em grupo onde os/as estudantes/as terão a possibilidade de criar suas próprias imagens no estilo *Pop art.* Antes do momento de produção será feita uma introdução teórica sobre o movimento, mostrando exemplos de obras como “Até Que Enfim (1967)” e “Astronauta” (1970) – do artista Claudio Tozzi. Será uma etapa de contextualização para apresentar artistas da História da arte que se destacaram, como o estadunidense Andy Warhol e o brasileiro Claudio Tozzi.

Para a realização dessa proposta a ideia é que utilizem celulares, em grupo para que quem não tiver um celular possa participar, sendo que as imagens serão impressas

para que sejam realizadas intervenções. O processo de mediação buscará incitar os/as estudantes a pensar e planejar como realizarão um trabalho no estilo *Pop art*, como farão suas intervenções na fotografia utilizando materiais de colagem, pintura, desenhos ou até mesmo a combinação de todos. E ainda, que temática pode ser trabalhada. Durante o processo de desenvolvimento da proposta será possível mostrar aos/às estudantes que a fotografia também pode ser arte, que se comunica com o público e que pode ser modificada permitindo um trabalho com várias referências, como a *Pop art*.

Embora não tenha conseguido realizar a proposta que planejei, eu pude contribuir com o professor e os/as estudantes pensando e planejando a montagem de uma exposição de todos os trabalhos desenvolvidos por eles/as para o encerramento do bimestre. Fui mediadora em todo o processo de montagem da exposição dos/as estudantes. E por ter participado desse momento com eles/as me senti como professora da turma que desenvolve todo processo, desde a explicação até a montagem da exposição para compartilhar os trabalhos na escola (Figura 03).

Figura 3 - Atividade Desenvolvida pelos/as estudantes no Estágio III



Fonte: Arquivo pessoal

Desenvolver essa ação foi gratificante e um desafio ao mesmo tempo, pois eu tinha que estar preparada para responder as perguntas e sanar as dúvidas que

surgissem. E observando a atenção deles/as e como eu estava conduzindo os/as estudantes foi que percebi que eu era, na realização daquela atividade, a professora de artes visuais. Foi muito gratificante ver o interesse, a dedicação dos/as alunos/as em aprender, e saber que eu estava contribuindo de alguma forma para o seu crescimento acadêmico e pessoal de cada um/a. Essa experiência me mostrou que ser professora é uma responsabilidade enorme, mas ao mesmo tempo uma oportunidade incrível de gerar impacto na vida de outras pessoas.

Após essa experiência no Estágio III me encontro hoje no estágio IV (segundo semestre de 2023) justamente com a escrita deste TCC, e minhas reflexões me fazem perceber que tenho consciência que há um longo caminho a percorrer quando se trata da valorização das artes visuais no contexto escolar. Muitos/as estudantes e até mesmo alguns/mas professores/as ainda não percebem a relevância e o potencial que essa disciplina possui para o desenvolvimento integral dos/as estudantes.

Nesse movimento reflexivo que a pesquisa proporciona começo a refletir sobre o papel do/a professor/a para o ensino de artes visuais, e encontro o vídeo da professora Miriam Celeste Martins, “Mediação Cultural para Professores Andarilho na Cultura”⁹. Concordo com a professora quando ela diz que o professor é um andarilho, pois como futura professora de artes visuais me vejo como uma andarilha, a procura de novas possibilidades de ensino para sair de caixinhas e explorar novos lugares, buscando novos olhares, novas opiniões. Para nesse sentido, desenvolver um processo de ensino-aprendizagem para além dos muros das escolas, em espaços de educação que tragam referenciais para o ensino da arte como museus, galerias, museus a céu aberto na intenção de formar cidadãos/ãs críticos/as e conscientes do seu papel na sociedade.

O modo como o/a professor/a ensina não pode se limitar apenas a ‘transmitir conhecimentos’ como foi o papel do/a professora/a na tendência tradicional, mas deve deixar marcas, pequenas transformações que serão levadas para toda a vida dos/as estudantes, despertando interesses, identificando habilidades, encorajando

⁹ A professora Miriam Celeste Martins conversa com o jornalista Ederson Granetto sobre o ensino de arte nas escolas brasileiras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qjQQJtgI9RE>. Acesso 25 out. 2023.

descobertas, despertando o pensamento crítico e a curiosidade. Cada estudante aprende de uma forma diferente, e o professor/a pode buscar meios de adaptar seu modo de ensinar para conduzir os/as estudantes em suas individualidades. Isso faz com que cada experiência seja significativa e especial para cada estudante tornando os momentos vividos em experiências que deixam marcas e transformam.

Como estudante de artes visuais e futura professora quero que as experiências vividas pelos/as estudantes em sala sejam significativas. E por isso, encontro apoio no pensamento de Jorge Larrosa que nos ensina o significado da palavra experiência. “A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimentar). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova”. (Larrosa, 2002, p. 24). Sendo a experiência algo que se experimenta, posso dizer que experienciei cada estágio obrigatório durante meu processo formativo.

1.2 Educações não Formais: Um Olhar Pedagógico para Construir Laços

A partir desses momentos reflexivos para a escrita do texto, começo a ter clareza que durante minha atuação nos estágios estive apenas em ambiente de educação formal com estudantes do ensino médio. Então comecei a sentir falta de pensar também a Educação Infantil, pois durante a minha graduação em Museologia estive com crianças da Educação Infantil em outro contexto de educação que é o da educação não formal.

Durante os estágios supervisionados obrigatórios I, II e III, realizados no decorrer do curso de Licenciatura em Artes Visuais nos anos de 2022 e 2023, percebi a importância da construção de ações didático-pedagógicas em artes visuais. E em diálogo com os/as estudantes cheguei à conclusão de que essas ações não devem ficar restritas apenas dentro da sala de aula na educação formal, mas que devem proporcionar à escola um diálogo com espaços públicos como praças, museus e galerias, teatro, cinema.

Para o autor Robert William Ott.

O ensino de arte em museus constitui em componente essencial para a arte-educação: a descoberta de que arte é conhecimento. A arte pode assumir diversos significados em suas várias dimensões, mas como conhecimento proporciona meios para a compreensão do pensamento e das expressões de uma cultura (1997, p 113).

Desta forma, a partir deste pensamento, começo a me questionar sobre a possibilidade de desenvolver uma proposta didático-pedagógica em artes visuais que me possibilite conhecer um espaço de educação não formal, já que não tive essa vivência em nenhum dos estágios que realizei.

Como explicita Maria da Glória Gohn

A educação não-formal sempre foi um campo de menor importância no Brasil, até os anos 80 de nosso século, nas políticas públicas e mesmo entre os educadores. Todas as atenções sempre estiveram concentradas na educação formal, desenvolvidas nos aparelhos escolares institucionalizados. Em alguns momentos, algumas luzes foram lançadas sobre a educação não-formal, mas ela sendo vista como uma extensão da educação formal desenvolvida em espaços fora das unidades escolares. Tratava-se, na maioria das vezes, de programas ou campanhas de alfabetização de adultos (1998, p. 511).

Espaços de educação não formal podem instigar a curiosidade e o pensamento crítico, fazendo com que o público questione e reflita sobre o significado e a relevância dos objetos expostos e seus contextos. Tentando compreender com Gohn sobre a educação não formal, acredito que o ensino de artes visuais em espaços de educação não formal, podem desempenhar um papel essencial na valorização de uma identidade cultural, na construção de um processo de identificações identitárias e no desenvolvimento de um pensamento crítico.

Em diálogo com minhas inquietações encontro na minha memória uma experiência em um museu, que se deu no ano de 2010 quando estava cursando o Curso de Museologia. Assim que entrei no curso como estagiária do setor de Ação Educativa do Museu Antropológico da UFG, contribuí com ações, atividades educativo-cultural, que eram desenvolvidas principalmente com o público escolar.

O Museu Antropológico (MA) da Universidade Federal de Goiás (UFG) tem por objetivo fundamental apoiar e desenvolver a pesquisa antropológica interdisciplinar, da qual se origina o acervo nele existente e a sua organização, focalizando o estudo do modo de vida do homem na Região Centro-Oeste. Desse objetivo decorrem ações de inventário, documentação, conservação, segurança, preservação, divulgação do conhecimento científico e comunicação

de seu acervo a partir de recursos expográficos e de ações educativo-culturais (*Website* do museu. Disponível em: <https://museu.ufg.br/p/1333-o-museu>. Acesso 23 nov.2023).

Entre as atividades realizadas no Museu Antropológico destaco uma experiência desenvolvida pelos/as estagiários/as e a coordenação do intercâmbio cultural. O projeto foi elaborado e desenvolvido com a intenção de compreender a vivência com a arte Karajá através de um estudo de caso em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) localizado no bairro Parque Industrial João Braz, em Goiânia.

Esse projeto foi pensando pelos/as estagiários/as em parceria com o Museu Antropológico¹⁰ e o CMEI para levar informação a respeito da valorização à diversidade cultural, à cidadania e educação. A ideia foi elaborar uma oficina relacionando as práticas culturais e o trabalho tendo como objeto de estudo a vitrine das bonecas e animais de cerâmica dos povos Karajá, do circuito Lavras da exposição 'Lavras e Louvores'.

De acordo com o *website* do Museu Antropológico a exposição foi

inaugurada em dezembro de 2006 e foi pensada para estimular a discussão sobre a região Centro-Oeste, da perspectiva da construção simbólica das identidades regionais: o conjunto de imagens, sentimentos, símbolos e objetos significativos da construção dessa identidade. Dessa forma, os objetos são compreendidos como portadores de sentidos, como signos desencadeadores de sentimentos, ideias, conhecimentos, memórias que dizem sobre nossas identidades (s/p).

O projeto foi realizado com crianças entre 2 a 6 anos, em três momentos. O primeiro momento foi a visita dos/as professores/as do CMEI à Exposição 'Lavras e Louvores' para escolha de um circuito dentro da exposição e para pensar em questões que esses docentes poderiam abordar com as crianças, como a questão da diversidade cultural. No segundo momento foi realizada a visita das crianças

¹⁰ O Museu Antropológico (MA) da Universidade Federal de Goiás (UFG) é uma instituição sem fins lucrativo, aberta ao público, e que se destina à coleta, inventário, documentação, preservação, segurança, exposição e comunicação de seu acervo. Vinculado à Pró-reitora de Pesquisa e Inovação (PRPI), o MA é um órgão suplementar da UFG, e tem em seu caráter dinâmico e pedagógico, suas principais características. As exposições são os principais veículos de comunicação de um Museu com o público. Para esse fim, o Museu Antropológico possui dois salões, um deles destinado à exposição de longa duração Lavras e Louvores e o outro para mostras de curta duração ou temporárias. Disponível em: <https://museu.ufg.br/p/1333-o-museu>. Acesso em jul. de 2023.

acompanhadas pelos pais e coordenadores/as, onde houve uma fala da coordenadora do setor educativo do intercâmbio cultural. Após essa fala foi apresentado um documentário com duração de 15', do catálogo de vídeos do museu: "Arte Karajá de Aruanã". Ao término do documentário os/as participantes foram acompanhados/as pelos/as estagiários/as para realizarem uma visita à exposição. No terceiro momento houve a realização de uma oficina de cerâmica com as crianças do CMEI com foco nas bonecas e animais Karajá abordando a diversidade cultural.

Sobre o ensino de artes visuais e o museu encontro as ideias de Ott que me ajudam a compreender que

[...] o museu e o ensino de arte na escola não ocupam a mesma posição no ensino de arte. Professores com a boa formação profissional percebo que as galerias de um museu não são uma oficina de arte, e que não devem ser tratadas como uma sala de aula. Apesar das diferenças entre os espaços expositivos de museus e as salas de aula onde os estudantes frequentemente aprendem e praticam arte, essas funções, muitas vezes, se confundem, a despeito de o museu ser ainda o lugar onde observadores contemplam e pensam sobre arte (1997, p. 115.).

Hoje pensando sobre essa experiência no museu, e no museu como um lugar de ensino, compreendo que em um ambiente expositivo, através da mediação, as crianças podem começar a tecer as tramas de suas próprias narrativas durante a interação no espaço expositivo. Cada criança pode ampliar seu modo de pensar, perceber e valorizar a arte buscando desenvolver um processo que estará em diálogo um com o outro. Como as crianças da Educação Infantil se encontram em fase de experimentações penso que experiências que busquem diálogos com espaços de educação não formal podem proporcionar novos campos de aprendizado.

1.3 Ensinos de Artes Visuais na Educação Infantil

A partir de minhas experiências vividas em espaço de educação não formal estimuladas pela exposição Lavras (trabalho) e Louvores (religiosidade e festas) do Museu Antropológico da UFG procuro refletir, enquanto futura professora de artes visuais, sobre o ensino de artes visuais com crianças. Acredito que ao proporcionar uma atmosfera educativa, esses espaços de educação não formal ajudam na

construção de conhecimentos e informações oferecendo também uma experiência de aprendizado enriquecedora.

A Educação Infantil é a primeira fase do ensino formal que o ser humano tem contato. Uma fase que pode potencializar o desenvolvimento da crianças tanto cognitivo, motor e social, englobando várias formas de ensino com a família, sociedade e comunidade escolar. A Lei nº 9394/96 de diretrizes e bases da Educação Nacional (LDBEN) estabelece no artigo 29 que “a Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

Essa primeira etapa será oferecida em creches que atendem crianças de zero a 1 ano e 6 meses; creches para crianças de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses idade; pré-escolas que atendem crianças de 4 a 5 anos e 11 meses de idade fase em que as crianças estão em preparação para o ensino fundamental estabelecido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que indica que.

Na Educação Infantil, as aprendizagens essenciais compreendem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos quanto vivências que promovem aprendizagem e desenvolvimento nos diversos campos de experiências, sempre tomando as interações e a brincadeira como eixos estruturantes. Essas aprendizagens, portanto, constituem-se como objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. Reconhecendo as especificidades dos diferentes grupos etários que constituem a etapa da Educação Infantil, os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento estão sequencialmente organizados em três grupos por faixa etária, que correspondem, aproximadamente, às possibilidades de aprendizagem e às características do desenvolvimento das crianças (Brasil, 2018, p. 44).

Ainda segundo a BNCC

Como primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional. A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada (Brasil, 2018, p. 36).

Importante compreender como acontece a interação nessa faixa etária. O eu, o outro e o nós – um dos campos de experiência da BNCC – amplia a interação, pois

É na interação com os pares e com adultos, onde as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais. Ao mesmo tempo que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio. Por sua vez, na Educação Infantil, é preciso criar oportunidades para que as crianças entrem em contato com outros grupos sociais e culturais, outros modos de vida, diferentes atitudes, técnicas e rituais de cuidados pessoais e do grupo, costumes, celebrações e narrativas. Nessas experiências, elas podem ampliar o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizar sua identidade, respeitar os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos (Brasil, 2018, p.40).

Sobre a importância das interações e relacionamentos que as crianças vivenciam os Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil (2018) esclarecem que

As atividades, as experiências, as interações e os relacionamentos que a criança vivencia em seu processo de aprendizagem e desenvolvimento devem ser o foco de toda a atenção e prática das Instituições e profissionais de Educação Infantil. Instituições e profissionais de Educação Infantil precisam reconhecer a criança em sua individualidade, respeitando suas diferenças, preferências, singularidades e entendendo-as como membros ativos e participantes da construção do seu aprendizado. Também precisam trabalhar em articulação e parceria com as famílias e responsáveis das crianças, estabelecendo ações complementares de educação e cuidado (2018, p. 47).

Com a leitura deste trecho dos Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil (2018) é possível compreender que o documento busca auxiliar as instituições educacionais sobre os direitos das crianças de ter acesso as experimentações e interações consideradas responsáveis para um processo de aprendizado. Nesse sentido, é fundamental que o ensino de artes visuais seja pensado como um momento de liberdade, de exploração de construção de conhecimento de interação com seu meio social dentro e fora da escola.

O/a professor/a de artes visuais exerce um papel fundamental de incentivar o protagonismo das crianças, permitindo que elas desenvolvam a criatividade, a imaginação e a capacidade de resolver pequenos problemas. As aulas podem ser lúdicas e divertidas com propostas que incentivem as crianças a experimentarem

diferentes materiais e técnicas, explorando suas habilidades manuais e expressivas. Na realização de atividades artísticas, as crianças são estimuladas a observar, comparar, analisar formas e cores, e podem realizar exercícios para desenvolver habilidades de percepção visual e apreciação estética. E ainda, desenvolver o pensamento reflexivo para que elas possam se tornar indivíduos críticos desde cedo.

É importante não dicotomizar a razão e emoção e estar atento/a sobre como as crianças percebem as visualidades e através delas conseguem desenvolver a compreensão verbal. Nesta fase a criança explora os sentidos tornando as suas experiências enriquecedoras, estimulando o processo de ensino-aprendizado em toda a área do conhecimento, desenvolvendo a percepção e a imaginação, por isso a arte é fundamental nas escolas, o desenvolvimento da criatividade, crítico e estética dos/as estudantes.

A imaginação criadora permite ao ser humano conceber situações, fatos, ideias e sentimentos que se realizam como elementos internos, a partir da articulação da linguagem. Imaginar é conceber situações para além da experiência imediata. O domínio do imaginário é lugar privilegiado para a atuação comunicativa da arte (Ferraz; Fusari, 1993, p. 6).

Trabalhar a arte na Educação Infantil não é trabalhar apenas o desenvolvimento motor, mas a criatividade que é fundamental para o desenvolvimento social, cultural e crítico de cada indivíduo. É promover um ensino e um ambiente que possibilite que a criança possa se expressar e se desenvolver em interação com o seu meio social, ampliando sua percepção estética e cultural, expressando suas emoções e ideias de maneira criativa e espontânea.

Para Rangel (2012) a maioria dos adultos esqueceu dessa linguagem tão rica e prazerosa que foi deixada para trás por volta dos sete ou oito anos, quando saiu da escola infantil e passou para a escola que valoriza mais a linguagem verbal (escrita e fala).

Ao interromper, na sua infância, o desenvolvimento da linguagem gráfico-plástica, foram fixadas formas padronizadas como a casinha, a árvore com maçãs, as nuvens azuis, o sol, as flores, a figuras humana de palito, organizando-se um repertório reduzido de formas que chamamos de estereótipos (2012; p.16).

A partir do pensamento com Rangel procuro refletir sobre o desenvolvimento da linguagem gráfico-plástica como um momento de experimentações e questionamentos pelos/as estudantes, pois é nesta faixa etária de aprendizado que as crianças se encontram em seu momento de descobertas, imaginação e questionamentos. Para esse momento de experimentação a imagem desempenha um papel fundamental nesse processo, pois através dela as crianças podem desenvolver uma linguagem gráfico-plástica e potencializar a linguagem verbal. Na visão de Barbosa não se alfabetiza fazendo apenas a junção das letras, a leitura verbal só ocorre com a interação de uma alfabetização cultural, social e estética do meio ambiente que o indivíduo está inserido (Barbosa, 2002).

Pensando nessa interação com o meio acredito que o/a professor de artes visuais tem a importante função de mediar a relação entre as crianças e as imagens, fazendo com que elas deixem de apenas consumi-las passivamente e passem a criar questionamentos a partir das imagens. Nesse sentido, é preciso incentivar um olhar crítico e reflexivo, levando em consideração a significação das imagens e seu contexto social, político e cultural.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE PESQUISA E ENSINO

Essa pesquisa se configura através de procedimentos metodológicos de pesquisa e de ensino. A metodologia de pesquisa neste trabalho utiliza fontes bibliográficas tendo como base material livros e artigos científicos. Busco a contribuição de autores e autoras citados anteriormente, para realizar este trabalho, na tentativa de compreender o ensino de arte visuais na Educação Infantil. Através dessa revisão bibliográfica estou dialogando com teóricos, estudos e documentos que possam reforçar o que será discutido neste texto.

As ideias do autor Marcelo Dias Rabelo contribuem para reflexões sobre o atual modelo de educação com o texto “A Importância da Arte na Formação Educacional do Ser Humano” (2018). Neste texto Rabelo reconhece que a arte é desvalorizada e tece reflexões sobre o papel da arte e sua importância para a formação ser humano e para a educação. Segundo o autor

Sabemos das dificuldades que a arte enfrenta para ter o seu lugar de destaque dentro da educação. Pois temos um modelo educacional que só privilegia o conhecimento prático e utilitarista. A arte, por não se enquadrar nesses critérios, acaba ficando de fora ou presente, mas, necessariamente, não sendo devidamente valorizada (Rabelo, 2018, p.19-20).

Levando em consideração o pensamento do autor Marcelo Dias Rabelo, é possível compreender que

[...] a nossa sociedade está envolvida em um modelo racional de educação completamente parcial e direcionada para uma formação unicamente tecnicista. Neste modelo o ensino da arte apresenta-se sem a devida importância, chegando até a sua completa ausência. Com isso, o estímulo à sensibilidade e à criatividade dos educandos fica de lado, o que implica em uma formação educacional fragmentada, alienante e desumanizada (2018, 20).

Com reflexões tecidas a partir do pensamento do autor Rabelo, fica claro que hoje a educação deve ser entendida como um processo que objetiva o desenvolvimento cognitivo e emocional do ser humano articulando o contexto social e cultural. Tornando-se necessário que a educação incorpore o ensino de artes visuais como um componente importante para englobar a arte no cotidiano das crianças.

Para tratar as questões do ensino de artes visuais na escola e em variados espaços e construir uma proposta didático-pedagógica, que será um procedimento metodológico de ensino nessa pesquisa, estou em consonância com o pensamento da autora Ana Mae Barbosa responsável pela defesa da arte/educação no Brasil e como já expliquei, idealizadora da Abordagem Triangular. Uma abordagem que se desenvolve articulando os três eixos norteadores: a leitura (crítica e estética) a contextualização (história da arte) e o fazer artístico.

No texto “Reflexões sobre a Abordagem Triangular no Ensino Básico de Artes Visuais no contexto brasileiro” as autoras Tharciana e Jociele explicitam que

A Abordagem Triangular, desde sua sistematização, demonstrando seu valor, vem propiciando reflexões no ensino de artes visuais sobre o mundo no qual se vive suas visualidades, pensamento que deixa intrínseco a relação de arte e vida e sua potencialidade transformadora. Desse modo, rompendo com as ideias modernistas, demonstra que a arte não parte apenas de um apreciar ou da livre expressão, mas propõe relação entre cultura, conhecimento, fruição e cognição (Silva; Lampert, 2017, p.94).

Para dialogar com o pensamento de Ana Mae Barbosa (2002) outro autor que me ajuda a construir reflexões sobre a importância da imagem no ensino de artes visuais é Paul Duncum com o texto “Por que a Arte-Educação precisa mudar e o que podemos fazer” (2011). Um texto onde o autor vai fazer uma crítica sobre a proliferação imagética, o impacto da cultura de consumo, e discute o que pode ser feito a esse respeito.

Para refletir sobre a importância do ensino de arte na Educação Infantil encontro as reflexões das autoras Maria Alice Amaral dos Santos e Zuleika Costa no texto “A Arte na Educação Infantil: Sua Contribuição para o Desenvolvimento” (2016). Texto que as autoras discorrem sobre o ensino de arte no processo de desenvolvimento e aprendizado das crianças é como a arte libera a criatividade, imaginação e autoconfiança.

A criança da Educação Infantil explora bastante os sentidos, pois se encontra na fase do concreto, fazendo com que suas experiências sejam enriquecidas. Como neste período, suas habilidades são estimuladas, facilita o processo de ensino-aprendizagem, pois são desenvolvidas a percepção e a imaginação, o que facilita a compreensão das diferentes áreas do conhecimento. A arte é fundamental na formação das crianças, pois representa experiências

individuais e para que a arte seja utilizada como uma ferramenta no desenvolvimento cognitivo, intelectual e emocional do aluno, o professor precisa ter sensibilidade e conhecimento de que a arte é extremamente necessária no cotidiano escolar, ciente do seu papel na relação com o desenvolvimento (Santos; Costa, 2016, p. 4, 5).

Outra autora que contribui para minhas reflexões sobre o ensino de arte na Educação Infantil, é Susana Rangel com o texto “Como Vai a Arte na Educação Infantil” (2019). A autora chama a atenção para as dificuldades dos/as professores/as pedagogos/as para elaborar seus planejamentos, fazendo com as crianças fiquem trabalhando com reproduções de forma mecanizada impossibilitando que elas possam conhecer, ver arte e representar a partir do seu repertório imagético.

A escola desempenha um papel fundamental na educação formal dos seres humanos, fornecendo conhecimentos acadêmicos e habilidades essenciais como desenvolvimento físico motor, cognitivo, social para o desenvolvimento do indivíduo. Mas é importante ter clareza que o ensino de artes visuais na Educação Infantil não deve ter como objetivo formar artistas profissionais, trabalhar de forma mecanizada, ou a reprodução das obras artísticas, mas buscar desenvolver habilidades cognitivas e emocionais.

No Artigo “Educação não formal: um novo campo de atuação” (1998) eu comungo das ideias de Maria da Glória Gohn. Para essa autora a educação formal, informal e não formal tem características diferentes, mas podem ser complementares no processo de ensino e aprendizado. De acordo com a autora a educação pode ser desenvolvida tanto no espaço escolar quanto no convívio familiar, sendo considerada como educação informal. Esta educação desempenha um papel importante na transmissão de valores, ética e habilidades social, pois é no convívio familiar que as crianças aprendem sobre empatia, respeito, responsabilidade e outras qualidade moral fundamental para um bom convívio em sociedade.

A autora Gohn (1998) adota a expressão educação não formal quando designa um processo com quatro campos ou dimensões, que são: a) a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto indivíduos conscientes de seus interesses do meio social que participam; b) a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; c) a aprendizagem e exercícios de práticas voltadas para solução de problemas coletivos;

- d) a aprendizagem dos conteúdos em uma leitura de mundo em espaços diferenciados;
- e) a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, e especial a eletrônica.

O contato com diferentes culturas, a participação em atividades extracurriculares que estão fora da grade curricular como cursos e oficinas, a participação em exposições e conhecimento de diferentes formas de arte, mídias e literatura, entre outros, podem enriquecer a formação educacional de uma pessoa. Portanto, a educação não está restrita apenas entre os muros das escolas. Ela pode ser desenvolvida de várias formas e em diferentes contextos, seja na escola, no convívio familiar, na mídia ou na interação com a sociedade em geral. É importante reconhecer a importância dessas diferentes fontes de educação (formal, não formal e informal) e valorizar o papel de cada uma delas para a formação educacional de um indivíduo.

A metodologia de ensino é conduzida pela construção de uma proposta didático-pedagógica elaborada para o público escolar da Educação Infantil. Proposta que possibilitará iniciar diálogos com futuros/as professores/as em formação, como eu e ou professores/as de artes visuais. Para pensar na elaboração desta proposta levo em consideração os estímulos que cada criança necessita para desenvolver um pensamento crítico e desenvolver suas percepções do contexto social em que vive. Como futura professora de artes visuais pretendo deixar claro o meu papel como mediadora incentivando cada um/a no seu processo de descobertas.

Para construção da proposta escolhi uma instalação que está na exposição 'Lavras e Louvores' em um museu que é um local de educação não formal. Minha escolha justifica-se porque é um espaço que tenho experiência, como já citei anteriormente, e que percebo que pode propiciar que as crianças explorem novos olhares que serão importantes para construção de suas identidades.

2.1 A Proposta Didático-pedagógica

Uma proposta didático-pedagógica deve ser elaborada levando em consideração o perfil dos/as estudantes, favorecendo a participação ativa e os modos de envolvimento no processo educativo. É importante durante essa elaboração buscar integrar a teoria e a prática no processo de ensino e aprendizagem na medida em que

envolve planejamento e criação de metodologias para promover aprendizagens. Além disso, também deve ser considerado os recursos como imagens, livros, textos, jogos e aparelhos eletrônicos, que o/a professor/a pode utilizar e que pode contribuir no processo de mediação.

Minha intenção é que seja uma proposta, que pode ser trabalhada nas aulas de artes visuais na escola, a partir de conceitos e referências imagéticas advindas de um ambiente expositivo. Durante essa elaboração busquei a articulação entre o fazer artístico, a exploração do contexto e observação de imagens. Nesse sentido, ao elaborar essa proposta busco que, no decorrer de seu desenvolvimento, aconteça a interligação das três dimensões da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa. Esta abordagem permite que o/a professor/a faça suas escolhas metodológicas proporcionando mudanças e adequações por ser um modelo aberto onde cada professor/a pode fazer adequações de acordo com a faixa etária que irá atuar.

Para elaborar essa proposta, sigo alguns passos, sendo o ponto de partida me aproximar da exposição permanente 'Lavras e Louvores' do Museu Antropológico da UFG para buscar uma temática para proposta.

As reflexões que deram origem à exposição de longa duração do Museu Antropológico, Lavras e Louvores, foram iniciadas ainda em 1997, quando se discutia a revitalização da então exposição de longa duração Museu: Expressão de Vida. Na ocasião, decidiu-se pela elaboração de um novo projeto museológico/museógrafo, o qual foi aprovado em 2003 na 9ª edição do Concurso Nacional do Programa de Apoio a Museus da Fundação Vitae, que subsidiou financeiramente grande parte da execução do Projeto. Também consta como instituição de fomento à exposição o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Inaugurada em dezembro de 2006, Lavras e Louvores foi pensada para estimular a discussão sobre a região Centro-Oeste, da perspectiva da construção simbólica das identidades regionais: o conjunto de imagens, sentimentos, símbolos e objetos significativos da construção dessa identidade. Dessa forma, os objetos são compreendidos como portadores de sentidos, como signos desencadeadores de sentimentos, ideias, conhecimentos, memórias que dizem sobre nossas identidades. [...] Lavras e Louvores apresentam dois aspectos interligados e alternados da vida coletiva: o trabalho e a festa, a lavra e o louvor. Suas curadoras, as antropólogas Nei Clara de Lima e Selma Sena, ressaltam que escolheram pensar a exposição por meio do trabalho e da festa, da lavra e do louvor por serem duas formas importantes das nossas representações identitárias "Existem outras, existem várias formas com as quais podemos lidar para pensarmos sobre nós mesmos, sobre quem somos, sobre quem queremos ser. A ideia do trabalho e da festa provoca o pensamento sobre os trânsitos, os hibridismos, os excessos, as alternâncias, e todas essas noções estão presentes na discussão contemporânea sobre identidades." (*Website do*

museu. Disponível em: <https://museu.ufg.br/p/1333-o-museu>. Acesso 18 out.2023).

Segundo o pesquisador Adelino Adilson de Carvalho o título da exposição foi inspirado em Roberto Da Matta, pioneiro nos estudos de rituais e festivais, e aponta para alternâncias da sociedade entre o trabalho (lavras) e a festa (louvor). Para compreender essa alternância é possível seguir os dois circuitos propostos a partir da entrada: “à direita o circuito referente à Lavras, representando o mundo do trabalho; à esquerda o circuito referente à Louvores, mostrando as representações das religiosidades e suas festas, seus cultos e rituais” (Carvalho, p 22, 2018).

Ao pensar em construir uma proposta a partir da exposição ‘Lavras e Louvores’ quero ressaltar sobre a formação de identidades, pois a meu ver é uma questão que envolve toda exposição, possibilitando consciência, como fazendo parte dela, sobre a formação da identidade dos/as que viveram e vivem na região Centro-oeste. Nesse sentido, uma imersão aos momentos vividos pelas discussões que se dão pelos objetos é de grande importância para construção da identidade regional de cada indivíduo que visita a exposição. Para as curadoras, Nei Clara de Lima e Selma Sena, “[...] ao se pensar em trabalho e festa, provoca-se a reflexão sobre os trânsitos, os hibridismos, os excessos, as variações e todas essas noções que estão presentes no moderno debate sobre identidades (*apud* Carvalho, p 29, 2018).

A minha ideia é que essa proposta seja desenvolvida com crianças da pré-escola de 4 a 5 anos. A escolha da faixa etária para a elaboração dessa proposta foi aleatória e não impede que a proposta didático-pedagógica seja adaptada para outra faixa etária. Desta forma, para estar colocando a proposta em prática será necessário haver um diálogo entre a coordenação da escola e a coordenação de intercâmbio cultural (CIC)¹¹ do Museu Antropológico da UFG. Um momento de diálogo para apresentar a proposta e como será o acolhimento das crianças do Museu. E ainda, buscar encaminhar algumas questões, como: a) agendar um dia e horário que seja

¹¹ Na Coordenação de Intercâmbio Cultural (CIC) estão os seguintes setores: Educativo Cultural; Biblioteca; Estágio; Publicação e Divulgação; e Desenvolvimento de Recursos Humanos. Destaca-se que somente os dois primeiros estão funcionando perfeitamente e, que os outros, embora pertençam à estrutura do setor, estão inativos por motivos diversos (Carvalho, 2016, p, 21).

mais adequado para escola e para a instituição; b) providenciar o transporte para as crianças, com os órgãos competentes, buscando garantir que todas as crianças possam participar da visita; c) instituir os responsáveis que irão acompanhar as crianças durante a visita ao museu; d) elaborar e enviar o comunicado, com informações sobre o horário de saída, retorno, transporte, o e pedido de autorização para os/as pais ou responsáveis.

Será necessário criar alguns momentos com as crianças (aulas) antes da visita ao Museu Antropológico, desenvolvendo um planejamento, para o ensino de arte, com base nos três eixos norteadores da Abordagem Triangular proposto por Ana Mae Barbosa. Autora que concebe o ensino de arte como expressão e cultura propondo um aprendizado dialógico e multicultural com os três eixos: a leitura (crítica e estética) a contextualização (história da arte) e o fazer artístico. Sendo que o foco da proposta será a familiarização das crianças com a instalação denominada “Fronteira” que é um ambiente formado por espelhos e imagens. Nesse ambiente, segundo uma das curadoras

Se há uma síntese no circuito expositivo, ela só aparece ao final, na sala interativa, denominada Fronteira, recoberta de espelhos intercalados de imagens de moradores da cidade de Goiânia, de diferentes filiações étnico-raciais, que se espelham junto às imagens do espectador, formando um interessante jogo especular apropriado para se pensar a construção de identidades (Lima *apud* Carvalho p.142).

2.1.1 Proposta: Aprendendo a Contextualizar e Ler as Obras

No eixo denominado contextualização, haverá a apresentação do Museu para crianças com um tour 360°¹², através da exibição de um vídeo disponível na página do Museu. Momento de explicar que iremos visitar a Exposição ‘Lavras e Louvores’, sendo que a visita ajudará na construção de um álbum com desenhos (construído de papel

¹² Em dois tour virtuais em 360° esta iniciativa inovadora, vai prometer ainda mais longevidade ao MA, cumprindo sua função social. O resultado desta experiência é apresentado pelos discentes, de forma fácil e interativa, a partir desta exposição, que em sua valiosa narrativa, dialoga dois aspectos interligados e alternados da vida coletiva: o trabalho e a festa, a lavra e o louvor do centro-oeste brasileiros. Acesso 23 nov. 2023 <https://museu.ufg.br/p/39722-lavras-e-louvores-em-360>

pardo recortado em tamanho A3). Nesse eixo o objetivo será: conversar com as crianças sobre um espaço cultural que tem como finalidade conservar, preservar e divulgar o acervo por meio de um discurso expositivo, sendo um espaço de educação não formal que utiliza estratégias pedagógicas para alcançar as pessoas que o visitam.

Para Maévi Anabel Nono “[...] As propostas pedagógicas das escolas de Educação Infantil devem prever situações que garantam a construção da identidade e o desenvolvimento da autonomia das crianças pequenas” (2011, p.1). Nesse sentido, será importante apresentar a exposição ‘Lavras e Louvores’ explicando que é uma exposição pensada para levantar reflexões acerca da região centro-oeste levando os/as participantes a pensarem como se deu a construção da identidade da região.

Acredito que um trabalho que busque a compreensão sobre identidade cultural com as crianças permitirá que elas entendam e reconheçam a qual grupo elas se sentem pertencentes, sendo que ao entrar em contato com diversas culturas, permitirá que elas se sintam parte de uma comunidade específica desenvolvendo um senso de pertencimento.

Se a identidade do sujeito é constituída de acordo com as suas várias experiências, a escola deveria se portar como uma instituição de questionamentos, como um espaço que pode favorecer a discriminação ou possibilitar a valorização da construção da identidade. Se o sujeito tem uma experiência cultural diferente, por que ele tem de ser igual? Identidades culturais decorrem do nosso pertencimento a diversas culturas, diferentes etnias, línguas, religiões e nacionalidades. O fracionamento da identidade em múltiplas identidades não significa que elas sejam vividas harmonicamente (Quirina e Fernandes, p, 427, 2021).

Sendo assim, ao aprenderem sobre diferentes culturas, elas também são ensinadas a respeitar e valorizar as diferenças, percebendo que o que torna o outro diferente não é ruim, mas é o que torna cada indivíduo único. Dessa forma, elas poderão aprender a respeitar a diversidade e a construir sua própria identidade.

Podemos dizer que onde existe diferenciação - ou seja, identidade e diferença - aí está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. Há, entretanto, uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou que com ela guardam uma estreita relação, São outras tantas marcas da presença do poder: inclui/exclui (estes pertencem, aqueles não"); demarcar fronteiras (nós e "eles"); classificar (bons e maus, "puros e impuros; "desenvolvidos e primitivos; racionais e irracionais); normalizar (nós somos normais; eles não são normais) (Woodward, p, 81,82. 2000).

Para introduzir uma conversa sobre diversidade cultural explicando que há a formação de identidade em cada grupo em que estamos inseridos, farei uma contação de histórias com livros infantis, como por exemplo “O Tupi que você fala” (2015) de Claudio Fragata¹³. Com essa leitura do livro será possível que as crianças percebem que o português que falamos apresenta muitas palavras que tiveram influência de outras culturas. A intenção é mostrar para as crianças que elas sabem falar a língua tupi, e que outras culturas têm influência na nossa identidade. Outro livro que contarei a história é “Menina bonita do laço de fita” (1986) de Ana Maria Machado¹⁴, pois é uma história onde as crianças aprendem conhecer, respeitar as características entre o seu corpo e do seu colega, sua semelhança étnica e ainda, podem compreender que essa construção de identidade tem uma origem que vem de cada núcleo familiar.

Nesse eixo da contextualização, eu irei abordar o autorretrato como construção de identidade. Muitos artistas utilizam o autorretrato para colocar em evidência características determinantes que falam das suas origens e das suas raízes, como Tarsila do Amaral com a obra “Autorretrato, 1923”. Nesta obra de Tarsila, no eixo que eu denomino de leitura (crítica e estética), será possível trabalhar também com as crianças os elementos que compõe a cena como as cores, formas, linhas, o local, técnicas, apresentar o que a artista utilizou para compor a obra.

Explicarei para crianças que o autorretrato é como o/a artista retrata a sua própria imagem, mas não precisa ser necessariamente uma cópia fiel de si mesmo. Pode ser uma representação de como o artista se vê, de seus sentimentos destacando pontos de sua própria imagem. Desta forma, cada artista tem seu próprio estilo e visão

¹³ Guri, pipoca, saci, guaraná, abacaxi. Podemos não perceber, mas é comum falarmos tupi. As palavras de origem indígena fazem parte do nosso cotidiano e com O tupi que você fala as crianças descobrirão que vários alimentos, animais e plantas têm nomes dados pelos índios. Claudio Fragata revela de forma divertida que todos temos um pouco em comum com os primeiros habitantes do nosso país. As ilustrações de Maurício Negro complementam o texto, de forma que as palavras desconhecidas possam ser apresentadas aos pequenos leitores. O tupi que você fala mostra às crianças que nosso português traz influências de outras culturas e aguça a curiosidade dos pequenos a descobrir a origem das palavras.” Disponível em: <https://www.literaturablog.com/resenha-o-tupi-que-voce-fala-de-claudio-fragata/>. Acesso: aceso 05 dez. 2023.

¹⁴ Ana Maria Machado (1941) é escritora e jornalista brasileira. Autora de livros infantis foi a primeira desse gênero a fazer parte da Academia Brasileira de Letras. Foi eleita para a presidência da Academia para o biênio 2012/2013, acesso 05 dez 2023 https://www.ebiografia.com/ana_maria_machado/

usando o autorretrato com forma de expressão pessoal. Como exemplos de autorretrato apresentarei Pablo Picasso (figura 4).

Figura 4 - Autorretrato Pablo Picasso



15 anos (1896)

25 anos (1907)

90 anos (1972)

Fonte: Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2016/02/a-incrivei-evolucao-dos-autorretratos-do-genio-pablo-picasso/>. Acesso 05 dez. 2023.

Picasso retrata sua imagem em várias épocas de sua vida (Figura 4) utilizando técnicas diferentes, destacando pontos fortes em cada época. Pode-se trabalhar com as crianças os diferentes materiais utilizados, buscando que compreendam as formas, linhas, cores que o artista utilizou para fazer o seu autorretrato. Importante chamar a atenção para o processo, pois depende muito o que cada artista está vivendo daquele momento, das habilidades artísticas adquiridas durante anos de treinamento. Por exemplo, o autorretrato que Picasso pintou aos 25 anos já apresenta traços que seriam reconhecidos no Cubismo. Durante esse momento de conversa as crianças serão instigadas a pensar como seria o autorretrato do artista em nosso contexto, que pontos seriam destacados nos seus desenhos, que cores seriam utilizadas, como explorar a criação da identidade a partir do autorretrato.

Será abordada também a definição de retrato na etapa de contextualização para leitura de imagens. Desta forma, haverá um momento para observar os retratos

(Figura5) e (Figura 6) feitos pela artista brasileira Anita Malfatti¹⁵. Para produzir estas duas obras, que foram produzidas na mesma época, a artista utiliza técnicas diferentes. E a partir da observação desses retratos trabalharemos a forma como o/a colega vê o outro colega.

Figura 5 -Retrato de Fernanda de Castro, 1922 - Anita Malfatti.



Fonte: Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/anita-malfatti>. Acesso 21 dez. 2023

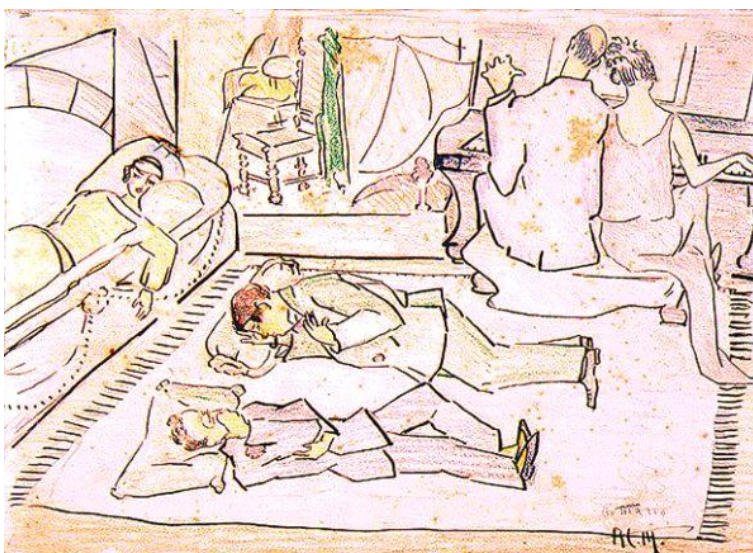
Na figura 5 pode-se observar que Anita utiliza cores fortes, traços definidos, identificando assim a pessoa retratada. Ela deixa alguns sinais que leva o/a leitor/a a pensar que a pessoa retratada se encontra em um estado pensativo ou de cansaço. A mulher está com um olhar perdido, sentada de forma onde o corpo se aconchega na cadeira. A alça do vestido caída sobre o ombro aparenta que ela não se preocupa com

¹⁵ Anita Catarina Malfatti São Paulo, 2 de dezembro de 188- São Paul, 6 de novembro de 1964 foi uma pintora, desenhista, gravadora e professora brasileira. Disponível <https://www.wikiart.org/pt/anita-malfatti> acesso 31 dez 2023.

os olhares dos outros. Esse momento de observação levará as crianças a imaginar, a olhar os/as colegas, a criar o seu próprio roteiro de leitura e posteriormente a criação de suas imagens.

Exponho na figura 6 um retrato “Grupo do Cinco (1922)” feito por Anita Malffati. A obra foi elaborada com tinta de caneta e lápis de cor sobre papel. Além da exploração do desenho, das linhas e das cores, a mediação irá levantar algumas questões para chamar a atenção das crianças, que são: por que na obra “Retrato de Fernanda de Castro” a artista se preocupou em deixar a pessoa reconhecível? E por que na obra “Grupo do Cinco” ela esconde os rostos dos seus amigos utilizando uma técnica de desenho diferente? Por que mesmo sem reconhecer as pessoas ainda podemos dizer que é ela e seus amigos?

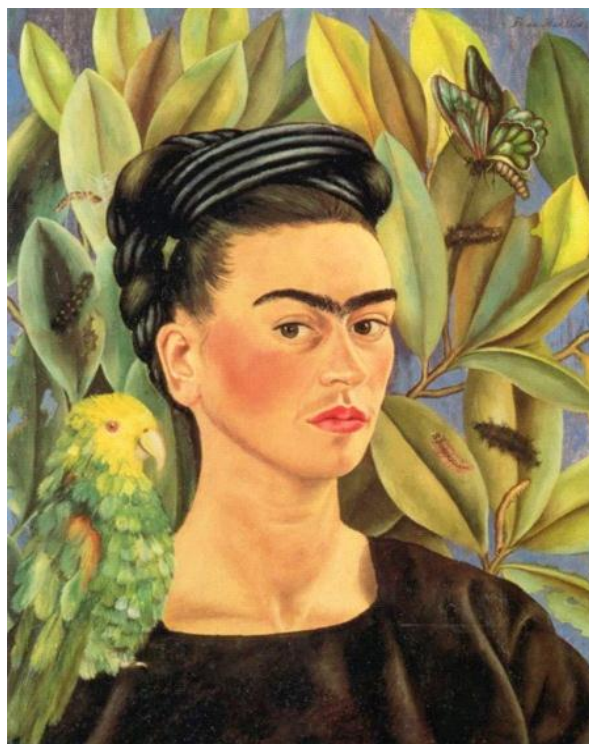
Figura 6 - Grupo dos Cinco, 1922 - Anita Malffati.



Fonte: Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1397/o-grupo-dos-cinco>. Acesso 21 dez. 2023.

Outra artista a ser trabalhada com as crianças será Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón que adotou o nome artístico de Frida Kahlo (Figura 7). A artista mexicana Frida, após sofrer um acidente de carro, pintou o seu primeiro autorretrato usando um espelho como uma forma de se ver e de se retratar.

Figura 7 - Autorretrato com Bonito Papagaio e Borboleta, 1941 - Frida Kahlo.



Fonte: Disponível em: <https://www.quadrosclassicos.com.br/frida-kahlo-eu-e-meu-papagaio-1941>. Acesso 21 dez. 2023.

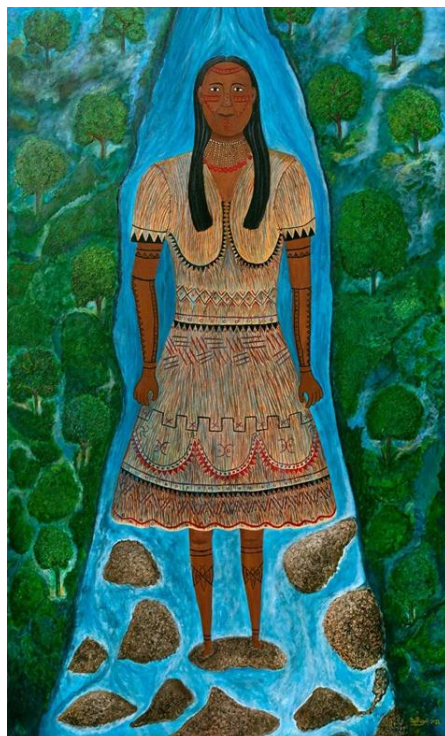
A intenção é que cada criança busque se conhecer ao se olhar no espelho, sendo que o papel da mediação será instigá-las a pensar sobre sua identidade e a fazer relações com quem ela considera que se parece com ela.

Para incitar reflexões apresentarei para as crianças a obra de Duhigó¹⁶ onde a artista pinta seu autorretrato (Figura 8), colocando em evidência o grafismo que representa a identidade de seu povo que é passada de geração para geração. Os pigmentos utilizados para pintar o seu corpo são retirados da natureza. A partir da

¹⁶ Com 16 anos de carreira artística e uma vasta produção de obras de arte inspiradas na cultura indígena, em especial, nas suas próprias memórias enraizadas no povo Tukano, sua etnia de origem, Duhigó conquistou um lugar de destaque na história da arte amazonense e brasileira ao se tornar a primeira mulher indígena amazonense a compor o renomado acervo do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), considerado o maior do País. O MASP possui atualmente 11 mil peças artísticas e é considerado o mais importante museu do Hemisfério Sul. Disponível em: <https://cultura.am.gov.br/duhigo-e-a-primeira-mulher-indigena-do-amazonas-no-acervo-do-museu-de-arte-de-sao-paulo-masp/> Acesso: 26 Jan. 2024.

observação da imagem trarei a seguinte pergunta: o que vocês reconhecem nessa imagem?

Figura 8 - Autorretrato de Duhigó, 2022.



Fonte: <https://pp.nexojornal.com.br/opiniao/2022/uma-arte-da-mem%C3%B3ria-duhig%C3%B3-e-sua-obra>. Acesso 26 Jan 2024.

Durante a conversa com as crianças, em contato com o autorretrato de Duhigó, destacarei os traços utilizados pela artista, as cores, vestuário, a etnia, os detalhes que compõe a obra. Será um momento para enfatizar que cada obra que observam nem sempre representa uma imagem real, mas pode evidenciar a identidade de quem a produziu, como o autorretrato de Duhigó. Será uma oportunidade para esclarecer que o desenho não tem que ser uma cópia, mas sim capturar algo que faz o/a espectador/a mergulhar na história que a imagem conta.

2.1.2 Proposta: O Fazer Artístico

Após esse momento com minhas filhas, retomo o planejamento da proposta, onde será a etapa das crianças vivenciarem o eixo denominado de fazer artístico. Mas antes de iniciarem a produção, vamos trabalhar com imitações e gestos no espelho. Cada

criança começará se olhando no espelho fazendo expressões faciais como triste, alegre, zangado, cansado, pensativo etc. Será um momento de observação de seu corpo, de suas características físicas e de retomar o diálogo com as imagens. Desta forma, irão observar os/as colegas, as imagens (Figuras 4, 5, 6, 7, 8 e 9), já trabalhadas no momento da contextualização. Essas imagens serão impressas e expostas nas paredes da sala de aula. Será possível nessa etapa o desenvolvimento da linguagem corporal, linguagem gráfico-plástica e verbal.

Depois desse momento no espelho e com as imagens as crianças terão que produzir um desenho em folha A4 que deverão colorir com lápis de cor. O primeiro desenho, após o período de reflexão com as imagens e observação no espelho será a produção do autorretrato de cada um/a. A elaboração do autorretrato será guiada por algumas questões que formam um roteiro reflexivo e irão conduzir essa etapa, que são: como você se vê no espelho? Qual a expressão do seu rosto quando você se olha no espelho? Algum coleguinha se parece com você? Com quem você se parece? Com quem você não se parece? O que te torna diferente do outro? A partir de desses questionamentos e outros que vão surgindo, começaremos a trabalhar a imagem a partir do que eles/as estão vendo no espelho. Quando os autorretratos forem criados, serão apresentados em roda de conversa e colados no álbum.

No encontro (aula) seguinte já com a primeira imagem colada no álbum de como cada um/a se vê (autorretrato), vamos buscar o olhar do outro (retrato) e como cada um/a é visto pelo outro. Nesse encontro as crianças irão desenhar como veem os/as colegas (segundo desenho do álbum). E farão, em duplas, um desenho de como vê o/a colega de sua dupla e vice-versa. Como contribuição da família será solicitado (terceira imagem do álbum) que alguém da família deve desenhar a criança.

Com os desenhos em mãos, outro encontro (aula) faremos uma roda de conversa para que as crianças possam apresentar o desenho feito por um familiar e o desenho feito pelo/a colega. Esse momento tem como objetivo estimular nas crianças não só a descrição do desenho, mas reflexões sobre como o outro a vê. Poderá reforçar na fala os traços que considera essenciais, explorar identidades, exercitar um modo de autoconhecimento e conhecimento dos outros ao seu redor. Depois deste

momento de reflexão sobre o que foi produzido nos desenhos, cada criança irá colar os desenhos para compor o seu álbum.

Em outro encontro (aula) a ênfase será dada às imagens da instalação 'Fronteira' (Figuras 11 e 20). Esse momento de observação com as imagens será para que as crianças possam se familiarizarem com a instalação e além de descreverem o que estão vendo nas imagens, conhecerem as histórias (contextualização) que formam a instalação, pois

Nela, estão expostas fotografias de pessoas da região com distintas fisionomias e marcadores culturais: indígenas, negros, brancos, habitantes de Goiânia e de zonas rurais formam um jogo de espelhos que convida o visitante a se enxergar entre as imagens expostas e a pensar sobre o processo de construção das identidades da região se colocando como parte delas [...] Na definição de Walderes Brito, "é um cubículo com espelhos, recobertos por fotos vazadas de pessoas, dispostas numa espécie de jogo da velha, completado apenas com a inserção da nossa própria cara refletida, compondo o quadro da diversidade das gentes do sertão" (Carvalho. 2018, p,50).

Figura 9 - Instalação Fronteira Museu Antropológico UFG



Foto: arquivo pessoal

Após o diálogo, observação das imagens, momento de explicação sobre a diversidade que compõem nossa região, será solicitado vários desenhos, como retratos estilo cabine fotográfica, onde as crianças utilizarão papéis no tamanho 10x15 e lápis

de cor. Poderão desenhar pessoas de seus convívios como um parente, vizinho/a, servidor/a da escola, um/a colega. Esses desenhos ainda não serão colados no álbum, pois serão levados para a visita à exposição. Durante esse momento de fazer artístico o lápis de cor será utilizado para desconstruir a ideia de que só o lápis cor de rosa ou bege representam os tons de pele da população brasileira. Será um momento de trabalhar a diversidade racial também.

É através da representação gráfica que a criança registra o seu mundo, aquilo que é real e seu universo simbólico vivido diariamente. Acredita-se, inclusive, que é por meio do desenho que ela organiza informações, processando-as em conhecimentos a partir do que é sentido e pensado (Hanauer, p, 80. 2013).

Cada desenho cria uma conexão entre o mundo real e o imaginário permitindo que a criança retrate suas experiências pessoais em busca da construção da sua identidade. Hanauer explicita que

A criança aprende ainda sobre sua própria humanidade, na medida em que, ao desenhar, a criança está realizando – reafirmando e atualizando – algo ancestral de sua humanidade: a capacidade e a necessidade dos seres humanos de se deixarem em marcas. Foram os seres humanos que inventaram o desenho e, ao fazê-lo, puderam dizer algo de si por meio de imagens, puderam se ver representados graficamente em aspectos de sua humanidade; deixaram-se em marcas que contribuíram para a produção de sua humanidade, de sua história; que contribuíram para a demarcação, comunicação e significação de sua passagem pela vida, pelo planeta Terra, pelo mundo (*apud* p,74. Junqueira Filho, 2005, p. 54).

Após essas etapas em sala de aula na escola, um passo importante será a organização para ida das crianças ao museu antropológico em visita à exposição 'Lavras e Louvores' que é a atual exposição de longa duração do MA/UFG. Lembrando que para que isso aconteça será preciso organizar toda a logística para o transporte das crianças ao museu como expliquei anteriormente.

2.1.3 Proposta: Diálogo entre os eixos e a exposição ‘Lavras e Louvores’

A visita à exposição será guiada por um circuito com o foco em algumas vitrines. Em primeiro lugar, no rol de entrada, observaremos um painel onde consta as ideias básicas para concepção da exposição ‘Lavras e louvores’¹⁷ (Figura 10).

Figura 10 - Painel de Abertura da Exposição



Fonte: Foto do autor Adelino Adilson de Carvalho. Disponível em: files.cercomp.ufg.br/weby/up/188/o/2016_-_Adelino.pdf. Acesso dez. 2023.

Seguiremos para as vitrines de 03 (Figura 11) que estão dentro da temática ‘Flor da Terra’. Diante das vitrines será destacado as potencialidades das paisagens regionais do estado e suas transformações pela ação do trabalho. Nestas vitrines serão reforçadas questões relacionadas a identidade goiana, com a seleção de objetos, cerâmicas, fibras e as exsicatas que são plantas desidratada típicas da região centro-

¹⁷ Inaugurada em dezembro de 2006, Lavras e Louvores foi pensada para estimular a discussão sobre a região Centro-Oeste, da perspectiva da construção simbólica das identidades regionais: o conjunto de imagens, sentimentos, símbolos e objetos significativos da construção dessa identidade. Dessa forma, os objetos são compreendidos como portadores de sentidos, como signos desencadeadores de sentimentos, ideias, conhecimentos, memórias que dizem sobre nossas identidades. *Website* do museu Disponível em: <https://museu.ufg.br/p/1326-lavras-e-louvores>. Acesso: 21 dez. 2023.

oeste. Reafirmando para as crianças que a identidade é formada por um conjunto de saberes e fazeres.

Figura 11 - Flor da Terra



Fonte: Arquivo retirado do *Website* do museu.

Continuando o percurso que proponho para essa visita seguiremos para vitrine de número 06 (Figura 12) onde se encontra uma canoa indígena da comunidade Karajá. Diante dessa vitrine abordarei questões relacionadas a identidade cultural. A canoa é considerada como um meio de transporte pelos indígenas Karajás e está relacionada ao trabalho. É feita com um tronco de uma árvore e hoje está no museu como um objeto ressignificado para contar como a história de um povo é construída.

Figura 12 - Canoa Karajá



Fonte: Foto do autor Adelino Adilson de Carvalho. Disponível em: files.cercomp.ufg.br/weby/up/188/o/2016_-_Adelino.pdf. Acesso dez. 2023.

Em frente a vitrine de número 10 (Figura 13) podemos observar uma grande quantidade de material relacionado ao trabalho indígena, pastoril e agrícola. Nesse sentido, as crianças serão levadas a pensar e refletir sobre a diversidade de objetos, culturas diversificadas, mas com ênfase na finalidade de uso para o trabalho. O objeto quando produzido por determinado grupo carrega uma identidade cultural, e mesmo estando em um museu ou em outro lugar a sua identidade permanece.

Figura 13 - Objetos relacionados ao trabalho



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Nossa próxima parada será na vitrine de número 12 A (Figura 14) onde há representações feitas em barro que são do cotidiano da comunidade Karajá. Oportunidade de explicar para as crianças sobre ofícios que são realizados unicamente por mulheres em determinadas culturas e como são ofícios que fazem parte da identidade dessa cultura Karajá. Esclarecer ainda, que as bonecas estão ligadas diretamente com a identidade desses grupos e que foram tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil na categoria ofício, modos de fazer e formas de expressão.

Figura 14 - Objetos em cerâmica, no primeiro plano da imagem bonecas Karajá - Ritxoko



Fonte: Foto do autor Adelino Adilson de Carvalho. Disponível em: files.cercomp.ufg.br/weby/up/188/o/2016_-_Adelino.pdf. Acesso dez. 2023.

Outro momento que considero importante parar com as crianças, dentro desse circuito, é para observação dessas duas vitrines (Figura 15) onde as crianças encontrarão animais feitos em cerâmica Karajá, Krahó, Apinajé sendo que esse é um ofício unicamente feminino. As crianças poderão perceber outras formas de expressão artística como o artesanato. E ainda, outra possibilidade de representar uma paisagem e animais que não seja só através de desenhos, pintura ou fotografia, mas na modelagem em argila.

Figura 15 - Animais que representam a fauna da região



Fonte: Foto do autor Adelino Adilson de Carvalho. Disponível em: files.cercomp.ufg.br/weby/up/188/o/2016_-_Adelino.pdf. Acesso dez. 2023.

Outro ponto de parada será na instalação 'Simulacro' (Figura 16). Uma instalação que como recurso expográfico, foi organizada com objetos cotidianos da vida rural em uma prateleira. Entre objetos antigos, objetos vendidos em lojas de 1,99 pode-se fazer um mergulho no passado chegando aos dias atuais. Para crianças podem ser objetos que fazem parte da identidade de seus pais, avós, tios/as, de algum de seus parentes ou que talvez façam parte de suas vidas de alguma forma. Neste momento haverá algumas perguntas como: que objetos vocês conhecem? Já viram algum desses objetos em algum lugar? Que objetos vocês não conhecem? São perguntas com objetivo de mostrar para elas que objetos antigos carregam um simbolismo quando alguém identifica esse objeto. E que cada história que os objetos desencadeiam fazem parte da construção da identidade de alguém. Assim como as bonecas Karajás, todas as vitrines que vimos durante nosso percurso na exposição nos contam histórias.

Figura 16 - Simulacro



Fonte: Foto do autor Adelino Adilson de Carvalho. Disponível em: files.cercomp.ufg.br/weby/up/188/o/2016_-_Adelino.pdf. Acesso dez. 2023.

Ao terminar o circuito, planejado para essa visita com as crianças, entraremos na sala onde se encontra a instalação 'Fronteira' (Figuras 9 e 17). Nessa sala serão reforçadas questões que foram trabalhadas dentro da sala de aula e as crianças poderão interagir com os espelhos e as imagens que compõem um grande mosaico de diversidade. No espaço destinado para instalação 'Fronteira', em uma roda de conversa, iremos conversar sobre a identidade cultural e como cada cultura nos determina enquanto grupos. Sendo que a cultura se manifesta através da língua falada, das festas, da religião, dos rituais, das manifestações artísticas.

Figura 17 - Instalação 'Fronteira' Museu Antropológico da UFG



Foto: arquivo pessoal

Com os desenhos, de pessoas de seu convívio feitas na escola, as crianças poderão fazer parte da construção do mosaico. A ideia é que com a autorização do museu as crianças possam pregar seus desenhos (fita crepe) nos espelhos, tornando-os parte da construção do mosaico. Sendo que a identidade cultural poderá ser percebida quando cada um/a se olhar no espelho, olhar o mosaico de desenhos colados nos espelhos, olhar para seu colega do lado. As crianças neste momento de observação serão instigadas a refletir sobre sua culturalidade observando os seus traços culturais que são determinantes para se diferenciarem dos outros grupos. Irão refletir que há grupos diferentes do seu grupo, pois cada grupo carrega sua identidade cultural para qualquer lugar quer for.

Ver a diversidade nas imagens que estão impressas compondo um quebra-cabeça. Será um momento de criação de memórias através das experiências vividas na visita ao museu que ficarão registradas na consciência de cada um/a e nos

registros fotográficos que serão feitos para que no futuro talvez se tornem memórias afetivas para cada um/a.

2.1.4 Proposta: Compartilhando Experiências, Criando Memórias.

A última etapa da proposta será realizada na escola. Um momento de finalização onde em uma roda de conversa as crianças expressarão suas percepções, emoções e reflexões sobre o que viram e aprenderam no Museu Antropológico da UFG. Será o momento para colar no álbum os desenhos que fizeram parte da instalação e de fazer o último desenho do álbum.

Durante a produção dos trabalhos, as crianças poderão discutir e trocar ideias com seus colegas sobre suas vivências no museu, tornando assim esse processo mais enriquecedor, ampliando o aprendizado e sua compreensão sobre os conteúdos vistos e discutidos na sala e no Museu Antropológico. Através do desenho as crianças poderão compartilhar suas impressões sobre a exposição.

Esse momento de liberdade e criação permitirá que cada criança desenvolva sua própria linguagem visual e criatividade. “Ao desenhar, a criança brinca e verbaliza seus pensamentos e sentimentos, deixando marcas no papel. Aos poucos ela percebe o lápis em sua mão como um objeto mágico e atua sobre o espaço do papel, imprimindo traços”. (Hanauer, p,80, 2013). Dessa forma, essa última etapa da proposta didático-pedagógica proporcionará às crianças a oportunidade de expressar suas percepções e vivências através da arte, contribuindo para o desenvolvimento de sua sensibilidade, criatividade e reflexão crítica através dos desenhos.

A finalização do álbum acontecerá na sala de aula onde as crianças confeccionarão a capa em cartolinas. Para a produção dessa capa as crianças estarão livres para explorar materiais como lápis, lápis de cores, giz de cera, canetinhas etc. Cada criança escolherá o título de seu álbum levando em consideração toda sua vivência durante cada etapa da proposta didático-pedagógica. Se quiserem, com ajuda do professor/a, poderão colocar palavras em todos os desenhos do álbum, como nome, técnica que usou para fazer, data de produção, título do desenho e alguma curiosidade que chamou atenção na observação das imagens.

Após a produção do último desenho haverá uma roda de conversa para troca de experiências que será conduzida por algumas questões que levarão as crianças a refletirem sobre a construção da identidade, sobre a importância do ensino de artes visuais para falar sobre outros temas de grande relevância como racismo, diversidade cultural, cultura e arte como difusora de conhecimento.

Ao final deste momento de interação, compartilhamento e reflexões, os trabalhos realizados durante todo esse processo serão colados no álbum e expostos na escola, criando um espaço de apreciação e valorização da produção das crianças, além de permitir que a comunidade escolar também possa vivenciar um pouco da experiência vivida por elas no Museu Antropológico.

A exposição dos trabalhos das crianças terá como título “Entre linhas e rabiscos: eu me vejo, eu te vejo construindo identidade”, e acontecerá do lado de fora da sala de aula. Em diálogo com as crianças formularemos um circuito expositivo lembrando a exposição ‘Lavras e Louvores’ com um texto de abertura onde constarão os objetivos da proposta e os nomes de todos/as envolvidos/as no trabalho. Pensaremos juntos o que terá em cada módulo, lembrando que todo o processo da proposta didático-pedagógica estará registrado em fotografias que serão utilizadas na exposição com descrições para que os/as visitantes possam mergulhar em suas lembranças durante o percurso criado. Utilizaremos também imagens impressas da exposição, criando um mosaico com imagens de pessoas de várias etnias, retiradas de jornais e revistas, imagens de funcionários da escola, de pais. As crianças terão como papel a mediação de todo circuito até chegar na mostra da produção final que será o álbum. Os álbuns estarão dispostos em um lugar onde poderão ser manuseados.

O processo de avaliação da proposta didático-pedagógica se dará durante todo o percurso da execução com a identificação dos pontos positivos da proposta, aqueles que devem ser reforçados, e também os pontos que necessitam de ajustes, que poderão ser feitos ao longo do processo de execução.

Esses ajustes podem envolver modificações, nas estratégias pedagógicas como recursos didáticos, no tempo dedicado a cada atividade, entre outros aspectos. Será analisado se os resultados obtidos estão de acordo com os objetivos traçados

inicialmente. Um momento para avaliar as estratégias utilizadas e para desenvolver ajustes no planejamento, caso haja a necessidade de reorientações na proposta.

Durante o processo de execução, será realizada uma análise contínua das atividades, buscando adequação aos conteúdos propostos, observando a maneira como as crianças estão respondendo e se envolvendo com as atividades, e qual o impacto dessas atividades no desenvolvimento de habilidades (cognitivas, técnicas, interpessoal) para melhor entender as necessidades de cada criança, respeitando seu tempo e contribuindo para seu crescimento durante o seu processo educativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a elaboração dessa proposta didático-pedagógica finalizo este trabalho tecendo algumas reflexões. É importante salientar que a proposta elaborada durante essa pesquisa não chegou a ser colocada na prática na Educação Infantil pelo descompasso entre o calendário escolar e da universidade e por não ter um tempo hábil, durante a disciplina de TCC II, para que essa pesquisa pudesse passar pelo comitê de ética.

A partir dos estudos para essa pesquisa e elaboração desta proposta, pretendo mostrar que diferentes espaços de educação não formal, como museus oferecerem experiências que contribuem para favorecer e fortalecer o ensino de artes visuais nas escolas. É uma proposta didático-pedagógica, pensada para crianças da Educação Infantil, baseada nos três eixos da abordagem triangular sistematizada por Ana Mae Barbosa, onde o/a professor/a não ficará preso a um passo a passo, mas estará em diálogo com os três eixos da abordagem que estão em constante movimento. Um pensamento que permitirá que o/a professor/a crie suas metodologias de ensino, para elaborar suas aulas dentro e ou fora da escola, podendo ter a livre escolha de onde começar a desenvolver o seu trabalho.

Pensando nos eixos que conduzem essa proposta, percebo que a leitura da imagem vai além do que se vê como descrição, mas

A leitura como identificação cultural, como necessidade de reconhecimento de si próprio e de construção da realidade na qual estamos inseridos é o centro da educação que se pretende desenvolver não só através das palavras, mas também através da imagem. [...]. Falo de uma leitura que não é apenas formal em termos de linha, cor, espaço etc., mas de uma leitura interpretativa, crítica, contextualizadora do ponto de vista social. A Abordagem Triangular não prescreve nenhuma teoria para a empreendermos a leitura de imagem (Barbosa, 2022, p.2).

Quando se apresenta vários tipos de imagens sejam elas pinturas, fotografias, desenhos ou outras formas visuais de imagens pode-se explicar que cada imagem produzida sofre interferência no momento de produção e são influenciadas pelos contextos que são: social, político, histórico ou cultural. Ao contextualizar uma obra artística os/as estudantes podem começar a tecer reflexões a cerca do papel da arte na

sociedade e sua importância com outras áreas do conhecimento como a História e a Literatura entre outras.

O aprender não se restringe apenas aos ensinamentos escolares, pois a educação começa em casa. As crianças dentro do seu núcleo familiar aprendem a andar, falar, contar etc. Mas a escola tem um papel muito importante para a formação educacional das crianças, pois proporciona um ambiente com acesso à informação e ao conhecimento. Em um ambiente que desenvolve uma vivência social e o convívio com diferentes culturas. Convívio que pode ajudar na formação tanto profissional quanto social das crianças.

Para elaboração dessa proposta didático-pedagógica a ideia é buscar uma parceria com um espaço de educação não formal como o Museu Antropológico da UFG. Isso não significa que uma proposta como essa poderá somente ser realizada nessa instituição. Como é uma proposta pensada em eixos da Abordagem Triangular, está aberta para ser ponto de partida para um planejamento voltado para outras propostas em outras instituições de educação não formal, para todos os níveis escolares.

Poderá ser a primeira vez que muitas crianças estão visitando um museu e por isso, será muito importante esse primeiro contato com uma instituição cultural. Estar em espaços de educação não formal podem gerar experiências que criam memórias e que podem influenciar, incentivar aprendizagens e futuros interesses com a arte e a cultura.

Na elaboração dessa proposta procurei integrar teoria e prática, sendo a proposta construída pelas ações de ler, contextualizar e fazer, que são eixos norteadores da Abordagem Triangular, com um tema que defini em diálogo com um espaço de educação não formal. Após a finalização da proposta consigo sintetizar alguns pontos para ajudar arte/educadores/as a também elaborarem suas propostas, são eles: a) escolher e conhecer uma exposição em um espaço de educação não formal; b) organizar a visita à exposição com a instituição e a escola; c) selecionar, em um processo curatorial, as imagens que serão trabalhadas; d) instituir momentos de observação (leitura) para que além da descrição e leitura formal os/as estudantes possam conhecer as histórias (contextualização) que formam cada obra ou imagem que será trabalhada; e) trabalhar o fazer artístico para que as crianças possam criar e

tenham uma melhor compreensão da utilização dos materiais e composição das obras; e) instituir momentos de rodas de conversas para gerar aprendizagens e avaliação de cada parte do processo; f) expor o que foi desenvolvido.

A partir dessa proposta compreendo que seja possível perceber que as expressões artísticas das crianças, se manifestam de maneira única e pessoal para cada uma. No momento de leitura de imagens, seja de um desenho, pintura, escultura ou uma outra forma de manifestação artística, as crianças despertam seus estímulos visuais, explorando texturas, cores e formas e ainda promovem momentos reflexivos. Acredito que os estímulos visuais influenciam diretamente em cada fazer artístico.

Para o planejamento da proposta escolhi desenvolver o eixo do fazer artístico através de desenhos.

[...] como um meio importante de comunicação para a criança, os desenhos expressam suas emoções, descobrindo e desenvolvendo sua habilidade. E quando falamos desenho, não se trata de uma representação real de coisas, pessoas ou objetos, mas sim de como a criança enxerga o mundo, revelando seus sentimentos, pensamentos, ideias e principalmente concepção de mundo. Os desenhos sustentam uma tentativa de codificar o mundo em que ela vive, tornando, de certa forma, concretos seus pensamentos abstratos (Santos; Radvanskei; Bachmann, 2018, p,151).

Os desenhos, conforme explicam os autores Santos; Radvanskei e Bachmann, não tem como objetivo serem representações fiéis dos objetos observados, mas estimulam nas crianças outros tipos de habilidades para transformar o pensamento abstrato em concreto, um modo de utilizar linhas para desenvolver uma comunicação visual, já que ao desenhar as crianças expressam suas emoções, sentimentos de como ver o mundo. E o desenho vai além de apenas estimular o aspecto artístico, mas é uma forma de expressão poderosa para promover o desenvolvimento cognitivo, social e emocional, além de auxiliar na construção da identidade durante essa fase da vida.

As crianças na Educação Infantil estão desenvolvendo tanto o cognitivo quanto a sua interação social e descobrindo o seu lugar no mundo e o grupo que pertencente. Desta forma, essa proposta possibilita que comecem a perceber que durante a vida as pessoas constroem suas identidades ao se relacionarem umas com as outras em diferentes contextos e situações. “A identidade de uma pessoa é formada com base em muitos fatores: sua história de vida, a história de sua família, ou o lugar de onde veio e

expressa, enfim, tudo aquilo que a torna única e diferente das demais” (IPHAN, 2007, p.9).

Durante todo o desenrolar da proposta o diálogo com as crianças será de extrema importância por acreditar que nessa fase da vida elas estão criando memórias, tramas que devem estar bem tecidas e arrematadas, para que promovam o respeito e tolerância. E desta forma, tenho a expectativa que elas possam lidar com a diversidade étnica e cultural com igualdade através do ensino de artes visuais após o desenvolvimento dessa proposta.

Através da criação da metodologia de ensino durante essa pesquisa procuro deixar uma contribuição para o ensino de artes visuais na escola, onde cada professor/a possa ser despertado/a por novas ideias para enriquecer suas aulas. E desta forma, desenvolver um processo que faça com que os/as estudantes criem novos olhares para a valorização do ensino de artes visuais e estejam conscientes da importância que tem a arte para sua formação profissional, emocional e social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Etnografia e o estudo da prática escolar cotidiana. In: Etnografia da prática escolar. Campinas, SP: Papirus, 2004.

Apotheke, v. 5, n. 3, 2019.

BACHMANN, Vanessa. Desenho na Educação Infantil: a importância e sua contribuição para o desenvolvimento cognitivo e para a alfabetização. **Cadernos Cajuína**, v. 3, n. 3, p. 147-161, 2018.

BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte Anos Oitenta e Novos Tempos**. 5ª edição. Editora Perspectiva. São Paulo, 2002.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, p. 20-28, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/8_-versaofinal_site.pdf. Acesso 31 out. 2023.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p.

BRAYNER, Natália Guerra. **Patrimônio cultural imaterial: para saber mais**. IPHAN/MinC, 2007.

CARVALHO, Adilson, Adelino. Compreendendo as relações do Museu Antropológico da UFG com os seus públicos, 2018 145 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Goiânia, 2018.

CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS nº 1333 em 20 de fevereiro de 2015. Disponível [file:///C:/Users/Viviane/Downloads/Resolucao CEPEC 2015 1333%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Viviane/Downloads/Resolucao_CEPEC_2015_1333%20(2).pdf). Acesso dez.2023.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **A importância das artes na infância**. Editora Mediação. Porto Alegre, 2012.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Cenários da Educação Infantil. **Educação & Realidade**, 30(2), 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/12451>. Acesso em: dez. 2023.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Como vai a Arte na Educação Infantil? **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 5, n. 3, 2019. DOI: 10.5965/24471267532019010. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/16827>. Acesso em: jan. 2024.

DUNCUM, Paul. Por que a arte-educação precisa mudar e o que podemos fazer. **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. da UFSM, p. 15-30, 2011.

FUSARI, Maria F. de Rezende e; FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. **Arte na educação escolar**, v. 2, 1993.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal: um novo campo de atuação. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ**, p. 511-526, 1998.

HANAUER, Fernanda. Riscos e rabiscos: o desenho na educação infantil. **Revista de Educação do Ideau, Rio Grande do Sul**, v. 6, n. 13, p. 1-13, 2011.

NAKASHATO, Guilherme. **A educação não formal como campo de estágio: contribuições na Formação inicial do arte/educador**. São Paulo: [s.n.], 2009.

OTT, Robert William. Ensinando crítica nos museus. **Arte-educação: leitura no subsolo**, v. 2, p. 13-142, 1997.

RABELO, Marcelo Dias. A importância da arte na formação educacional do ser humano. **Revista Pandora Brasil**, p. 19-29, 2018.

RODRIGUES, Rafaela; LAROCCA, Nathalia; SOUZA, Leonardo Jeronymo de. **Arte-educação: a relevância da arte no processo de ensino e aprendizagem**. 2017.

SANTOS, Maria Alice Amaral dos; COSTA, Zuleika. A arte na Educação Infantil: sua contribuição para o desenvolvimento. **XV Seminário Internacional de Educação**. Universidade Feevale, 2016.

SILVA, Tharciana Goulart da. Reflexões sobre a Abordagem Triangular no Ensino Básico de Artes Visuais no contexto brasileiro. **Matéria-prima**, v. 5, p. 88-95, 2017.